

116



MASCARA DE PRATA © EDMUNDO RODRIGUES

VINGADOR MISTEROSO © PAULO HAMASAKI

JUVENCIO © REINALDO SANTOS

LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 7

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Pêssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em vale postal ou cheque nominal a **EDGARD GUIMARÃES**.

Mônica e sua Turma (Abril/jun/1975) (R) R\$ 10,00 * **As Melhores Piadas do Cebolinha** (Abril/jul/1977) (R) – R\$ 10,00 * **Mickey** (Abril) 219 (R) – R\$ 4,00 * **Suplemento Pato Donald 25 Anos** (Abril) 1 (B) – R\$ 5,00 * **Mickey 60 Anos** (Abril) (R) 1 – R\$ 5,00 * **Almanaque do Superpato** (Abril) (B) 2, 3, 5 – R\$ 5,00 c/ * **Natal de Ouro** (Abril) (R) 10 – R\$ 5,00 * **Tio Patinhos Especial** (Abril) (R) 6, 13 – R\$ 5,00 c/ * **Pato Donald** (Abril) (B) 1963 – R\$ 4,00 * **Pateta** (Abril/2004) (B) 2, 3 – R\$ 3,00 c/ * **Minnie** (Abril/2004) (B) 3, 10 – R\$ 3,00 c/ * **Manual dos Jogos Olímpicos** (Abril/1988) (B) – R\$ 10,00 * **Manual do Escoteiro Mirim** (Abril/1988) (B) – R\$ 10,00 * **As Grandes Piadas do Cebolinha** (Globo) (R) 10 – R\$ 5,00 * **As Melhores Piadas do Penadinho** (Abril) (R) 18 – R\$ 5,00 * **As Melhores Piadas do Puff** (Abril) (B) 6 – R\$ 5,00 * **He-Man** (Abril) (R) 2, 18, 19, 30 – R\$ 4,00 c/ * **Thundercats** (Abril) (R) 3 – R\$ 4,00 * **Bravestarr** (Abril) (R) 1, 2, 4, 5 – R\$ 3,00 c/ * **Patrícia** (Abril) (B) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 32, 33, 34 – R\$ 5,00 c/ * **Gordo&Cia** (Abril) (B) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 20, 22, 23, 27, 30, 32, 34, 37, 38 – R\$ 5,00 c/ * **Turma do Fofura** (Abril) (B) 1, 2 – R\$ 5,00 c/ * **Trapalhões** (Abril) (R) 1, 2, 3, 5, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76, 77 – R\$ 4,00 c/ * **As Aventuras dos Trapalhões** (Abril) (R) 1, 2, 4, 7, 10, 12, 14, 17, 18, 29, 33 – R\$ 4,00 c/ * **Almanaque Aventuras dos Trapalhões** (Abril) (R) 1 – R\$ 4,00 * **Almanaque Abril Jovem** (Abril) (B) 1, 6, 7, 10, 11 – R\$ 5,00 c/ * **Revista do Gugu** (Abril) (B) 2, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 – R\$ 5,00 c/ * **Dragon Ball** (Abril/1ª minissérie) (B) 1, 2 – R\$ 10,00 as duas * **Dragon Ball** (Abril/2ª minissérie) (B) 1, 2 – R\$ 10,00 as duas * **Cacá e Sua Turma** (Abril) (R) 3 – R\$ 4,00 * **Seleção Disney** (Abril) (R) 5 – R\$ 3,00 * **Almanaque Alegria** (Abril) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Alegria** (Abril) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57 – R\$ 4,00 c/ * **Zagor** (Vecchi) (B) 53 – R\$ 5,00 * **Tex** (Vecchi) (R) 128, 133, 142, 149 – R\$ 4,00 c/ * **Chacal** (Vecchi) (R) 25 – R\$ 4,00 * **Ken Parker** (Vecchi) (P) 6 – R\$ 4,00 * **Diabolik** (Vecchi) (P) 2 – R\$ 4,00 * **Viva Mad** (Vecchi) (B) – R\$ 5,00 * **Tex Ouro** (Mythos) (B) 9, 15 – R\$ 10,00 c/.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 116 JULHO/AGOSTO DE 2012

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

PREÇO DA ASSINATURA: R\$ 20,00

Assinatura anual correspondente aos nºs 113 a 118
Pagamento através de cheque nominal, selos, dinheiro
ou depósito para Edgard José de Faria Guimarães:
Caixa Econômica Federal – agência 1388
operação 001 – conta corrente 5836-1

O depósito pode ser feito em Casa Lotérica (só em dinheiro).
Envie, para meu controle, informações sobre o depósito:
dia, hora, cheque ou dinheiro, caixa automático ou lotérica.

ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

contém o encarte ‘cotidiano alterado’ 1

EDITORIAL

Os textos analíticos estão mesmo com a corda toda. Neste número são 12 artigos, incluindo as seções ‘Mistérios do Colecionismo’, ‘Heróis Brasileiros’, ‘Quadrinhos Brasileiros Bissextos’, ‘Mantendo Contato’, ‘Memória do Fanzine Brasileiro’, as novas ‘Tirando o Chapéu’ e ‘Considerações Sobre o “QI”’, mais as participações de Érico San Juan e Worney com um ‘Mistérios do Colecionismo’ extra.

Mas, por incrível que pareça, isso não se deu às custas das outras seções. ‘Fórum’ e ‘Edições Independentes’ também estão maiores. Qual a mágica? Este número do “QI” está saindo com 4 páginas a mais.

O “QI” tinha a limitação de não ultrapassar 7 folhas no tamanho ofício 2 com papel sulfite de gramatura 75g/m². Essas 7 folhas mais o envelope davam um peso de cerca de 48g, ficando, portanto, dentro da faixa de 50g para o 2º porte do Correio. Acontece que os dois últimos números do “QI”, por algum motivo que me escapa, foram impressos em papel 90g/m², o que fez seu peso ultrapassar 50g e eu ter que pagar o 3º porte (em vez do 2º porte habitual) para o envio. Já estava pensando em jogar o chapéu, já que estou pagando 3º porte, então que o “QI” tenha mais páginas. Mas as circunstâncias têm vontade própria e não costumam consultar os mortais. Simplesmente aconteceu de haver, neste número, material para 4 páginas a mais e eu estar decidindo a acrescentar uma folha de brinde para o leitor (veja os detalhes na página 18). Então, que seja! Quanto aos próximos números, se manterei o aumento do número de páginas ou não, deixarei a cargo das circunstâncias, já que é tão soberana assim.

Boa leitura!

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Edgard Guimarães

Volta e meia os colecionadores, de gibis em particular, são assombrados pela notícia de que existe uma revista tal que saiu em circunstâncias tais e que só quem tem um exemplar é o Fulano de Tal. Maldição! O colecionador comum, o pobre coitado que tenta formar suas coleções comprando suas revistas dia-a-dia nas bancas e livrarias, que sustenta com sua constância todas as editoras do porvir e do já-vai-tarde, não merece isso. Nesta seção serão tratadas estas revistas que podem ou não realmente existir.

Esta seção tem tratado de edições que podem ou não ter sido publicadas e vários exemplos foram dados nos números anteriores. Em alguns casos, o mistério pôde ser resolvido, pois possuo o exemplar em questão, em outros casos, o mistério permanece, embora haja uma probabilidade alta de que as edições mencionadas não existam. Como dito no cabeçalho desta seção, os boatos sobre a existência de edições não conhecidas assombram os colecionadores, que, de repente, “se dão conta” de que não têm sua coleção completa e têm que sair em busca dos tais exemplares desconhecidos. A questão é: de onde saem tais informações? Existem pessoas que lançam esses boatos de maneira consciente, apenas para perturbar os espíritos colecionistas?

Há casos em que parece claro ter havido apenas um engano da fonte do boato. Há poucos anos, em entrevista para um jornal, um conhecido autor de livros teóricos sobre quadrinhos declarou que uma de suas coleções preferidas era da revista “Dico, o Artilheiro”, da Rio Gráfica e Editora, composta de 19 números e 2 almanaques. Foi o que bastou para instaurar o pânico. Ora, esta revista do Dico teve apenas 17 números e 1 almanaque. Este caso parece um caso claro em que o entrevistado, falando de memória, se confundiu com o número de revistas e almanaques. Sem segundas intenções. Um dos últimos números da revista “Mundo dos Super-Heróis” trouxe matéria de Antônio Luiz Ribeiro sobre a editora Bloch, onde o autor deduziu que houve um título chamado “Space Ninja” com 6 números publicados, sendo que ‘Space Ninja’ foi apenas o título em destaque do número 6 da revista “Clássicos das Artes Marciais”.

Recentemente, o colecionador português Carlos Gonçalves me pediu para procurar para ele o número 20 da revista “Tim Relâmpago”, publicada em 1971 pela Ebal na 2ª série do título ‘Quadrinhos’. Conferindo minha coleção, vi que eu só tinha até o número 19. Como não adquiri esta coleção na época em que saiu, podia ser que este número me faltasse. Dei uma procurada nos sítios de vendas e não achei. A fonte da informação de Carlos parece ter sido o sítio www.guiaebal.com, que mencionava a revista embora não trouxesse reprodução da capa. Não sei de onde tiraram esta informação, mas o sítio já atualizou esta página retirando este número. Parece, portanto, que este número não foi mesmo lançado.

Mas a questão da motivação permanece. Por que algumas pessoas se dão ao trabalho de difundir informações falsas sobre coleções? Hoje em dia quase não há mais colecionadores fazendo listas de oferta e mandando via postal para possíveis interessados. Mas já mantive contato com muitos colecionadores e recebi muitas listas de oferta de gibis. E adquiri muita coisa das dessas listas. Um dos colecionadores de quem recebi algumas listas foi Nilson Silva, já falecido. Como suas listas não traziam o preço das revistas, eu sempre fui reticente em fazer algum pedido a ele. Mas posteriormente conheci o Nilson pessoalmente em São Paulo, nos eventos do Angelo Agostini, e, em troca do “QI” e de álbuns que eu imprimia (especialmente os do Valdir Dâmaso), ele se propôs a me enviar revistas que me faltassem nas coleções. E, de fato, baseado em uma lista de faltas que lhe enviei, me mandou um belo pacote de revistas de várias editoras, que completaram várias de minhas coleções. Antes disso, no entanto, as listas que ele me enviou me atormentaram bastante. Nos anúncios dessas listas apareciam vários títulos com numeração acima (às vezes, bem acima) dos números que eu tinha em coleções que eu julgava completas. Cáspite – tem gente que ainda diz assim –, seria possível que me faltassem todos aqueles números ali anunciados? Não me lembro se cheguei a escrever ao Nilson, mas me lembro que não tive resposta. Acabei concluindo que aqueles números, anunciados além dos que eu tinha, não existiam. Não sei qual o propósito de Nilson Silva em fazer uma lista assim, com toda essa numeração falsa. E como a maioria das ofertas era de revistas mais antigas, que eu não coleciono, nem posso conferir se o estrago não era maior. Mas vou exemplificar o que eu pude detectar de informação falsa.

Na lista de julho de 1998, Nilson anunciou o seguinte: “Brucutu” da Saber até o número 30 (foi até o 19); “Capitão César” da RGE até o número 13 (foi até o 9); “Capitão César” da Saber até o número 8 (foi até o 5); Ferdinando da Saber até o número 30 (a revista da Saber se chamou “Família Buscapé” e foi até o 15); “Fantasma” da Saber até o número 49 (eu tenho até o 48); “Príncipe Valente” da Saber até o número 25 (foi até o número 13 pela Paladino e continuou pela Saber até o 17); “Invictus” da Ebal com Superman e Batman até o número 90 (foi até o 82); “Misterinho” da Ebal até o número 88 (foi até o 64). A lista de dezembro de 2001 manteve muitas dessas numerações e acrescentou: “Big Ben Bolt” da RGE até o número 12 (foi até o 8); “Big Ben Bolt” da Saber até o número 12 (teve apenas 2 números pela Super Plá); “Demolidor” da Ebal até o número 45 (foi até o 31). Em agosto de 2005, nova lista repetindo muitos erros e acrescentando o “Dr. Macarra” da Cruzeiro até o número 12, sendo que foi até o 9 e não poderia ir além pois este número 9 já é de dezembro. Se a revista tivesse continuado, teria voltado ao número 1 do Ano II, como era costume da Cruzeiro.

Atualmente, a possibilidade de se fazer bancos de dados dinâmicos em sítios ou blogs na internet é um recurso bastante valioso. Para consulta sobre HQs Disney existe o www.papersera.net/vilaxurupita; sobre a Ebal, há o mencionado www.guiaebal.com, que corrigiu rapidamente uma informação errada, trazendo tranquilidade para o colecionador.

HERÓIS BRASILEIROS

JUVÊNCIO

Edgard Guimarães

Apanhado de informações colhidas em “Fã-Zine” 18 de Eduardo Cimó, “Catálogo de Heróis Brasileiros” de Lancelott e “A Saga dos Super-Heróis Brasileiros” de Roberto Guedes.

Segundo um box do livro de Roberto Guedes, Juvêncio foi criado por Reinaldo Santos como programa da Rádio Piratininga de São Paulo. Lancelott acrescenta que o programa começou em 1957 e durou até 1974. Teria surgido para concorrer com o programa de Jerônimo, o Herói do Sertão, de Moysés Weltman, transmitido pela Rádio Nacional desde 1953.

A exemplo do concorrente, Juvêncio, o Justiceiro, ganhou revista de quadrinhos pela Editora Prelúdio em 1968. A revista tinha capa colorida, 52 páginas num formato próximo ao italiano e uma característica interessante, o miolo impresso em duas cores, o preto e mais um avermelhado desbotado, às vezes meio alaranjado. A série iniciou com os desenhos de Sérgio Lima e o texto atribuído ao criador do personagem, Reinaldo Santos. Não dá para saber se escrevia mesmo os roteiros ou se estes eram adaptados das peças radiofônicas pelo próprio desenhista. No entanto, os roteiros logo passaram a ser creditados a Rubens Lucchetti e Gedeone Malagola. Do meio para o final da série, apareceram histórias com roteiros de Fred Jorge, Marta Douglas, Luís Carlos, C. M. Lôbo e F. de Assis.

Quanto aos desenhos, no início Sérgio Lima cuidava de toda a produção. Por volta do número 7, passa a predominar o traço de Rodolfo Zalla, com algumas histórias feitas por José Acácio, num estilo muito próximo ao de Sérgio Lima. E há pelo menos uma história assinada por José Carlos, mas que é claramente um pseudônimo de Edmundo Rodrigues. A partir do número 11, os desenhos passam a ser principalmente de Eugenio Colonnese.

A revista durou até pelo menos o número 15, sendo que os dois últimos não tiveram mais a segunda cor.

O personagem Juvêncio era claramente inspirado em Jerônimo, a começar pela presença de um ajudante rapaz, no caso chamado Juquinha, e pelo uso de um bigodinho fino, estilo Clark Gable, coisa rara no quadrinho norte-americano. Também tinha influência do Zorro “Lone Ranger”, começando pelo uso de uma máscara do mesmo tipo e a atitude declarada de sair pelo mundo fazendo justiça. Mas a paisagem em que Juvêncio atua é a mesma de Jerônimo, o sertão brasileiro e não o oeste norte-americano. Assim, apesar de parecer um personagem do velho oeste, as aventuras são ambientadas em terras brasileiras.



Esta coleção de “Juvêncio, o Justiceiro” eu acompanhei em minha infância, comprando cada número que saía nas bancas. Infelizmente, não sobreviveu às mudanças e principalmente às leituras. Posteriormente, tentei refazê-la, mas não consegui todos os números, por isso pode haver falhas nas informações acima.

Tenho uma lembrança muito boa das leituras de “Juvêncio” que fiz na infância. A ambientação brasileira já parecia estranha para o moleque já acostumado visualmente ao velho oeste onipresente nos gibis da época, mas havia uma atração indescritível naquelas histórias retratando situações e gentes do Brasil. O desenho de Sérgio Lima, mostrando um herói meio franzino, não era agradável para meu senso estético de então. O aparecimento de Rodolfo Zalla não me chamou a atenção. Mas a estreia de Eugenio Colonnese foi um impacto para meus olhos. Juvêncio ganhou um corpo atlético, as roupas ficaram justas, o visual ficou o de um “herói de verdade”. Foi a primeira vez que tive a noção de que o artista brasileiro podia ser tão bom quanto o estrangeiro, ao contrário do que sempre se propagava sobre a inferioridade e incapacidade do artista local. A mentira começava a ser desmascarada. E quem começou a fazer justiça foi Juvêncio.

QUASE QUADRINHOS?

Edgard Guimarães

Tenho sempre insistido em que a conceituação das artes deve ser bem ampla, para englobar todas as suas manifestações, mesmo aquelas que tentem fugir de seus padrões mais comuns. E se houver alguma obra que passeie entre as artes, que obtenha classificação múltipla e não que se crie uma categoria nova para identificar apenas aquela obra. Mas a tendência, pelo que se vê, é outra. A sanha de ser original, criativo ou coisa assim leva artistas e teóricos a alardearem novas formas de expressão a cada trabalho que apareça forçando um pouco que seja os limites de sua manifestação artística.

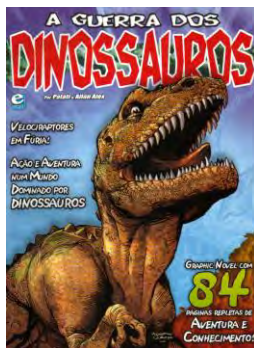


Nas Histórias em Quadrinhos a coisa parece mais grave, muitos teóricos se recusam a considerar HQ obras que não utilizem balões, por exemplo, e joga para a vala dos “antecedentes” uma vasta produção de histórias em quadrinhos anterior ao final do século XIX. Em minha conceituação, expressa em vários artigos, para ser História em Quadrinhos é preciso que o essencial da forma de expressão seja preservado, ou seja, é preciso que haja uma narrativa feita pela imagem pictórica. Mas o caso em questão é quando o autor decide misturar formas de expressão como textos escritos e seqüências quadrinizadas. Mantenho minha posição de que se tratam de obras mistas, são Quadrinhos e também são Literatura.

A motivação para tratar desse tema foi um álbum que adquiri recentemente, chamado “À Procura do Mercador de Areia”, de Jean Noël Rochut, publicado em Portugal pela editora

Asa em 1987. A obra alterna uma página de texto com uma página de ilustração ou história em quadrinhos, às vezes a ilustração invadindo uma página dupla. É uma história interessante, voltada a um público mais infantil, com textos curtos e com desenhos sem balões. Por que o autor optou por esta obra mista? Talvez, nesse caso, para atrair o jovem leitor com uma obra tornada leve pela presença dos desenhos.

Há alguns anos a editora Escala publicou “A Guerra dos Dinossauros” de autoria de Patati e Allan Alex. Recebeu na capa um nº 1, mas não houve outros números. Também uma obra bem interessante com os textos e as ilustrações bem misturados, valorizada pelo ótimo traço de Allan Alex. Neste caso, qual a motivação para produzir a obra híbrida? Talvez o tamanho do texto original e a dificuldade de adaptá-lo inteiro para uma História em Quadrinhos. Uma adaptação integral para HQ resultaria num grande volume de páginas, material para uma coleção inteira, e um investimento que praticamente nenhuma editora brasileira faz. Na história recente dos quadrinhos brasileiros, apenas o autor independente Alvimar Pires dos Anjos assumiu uma empreitada desse porte, bancando meia dúzia de volumes de sua saga de fantasia e ficção científica “Gilvath”. Uma pena, pois ‘Guerra dos Dinossauros’ renderia uma bela coleção de álbuns de quadrinhos.

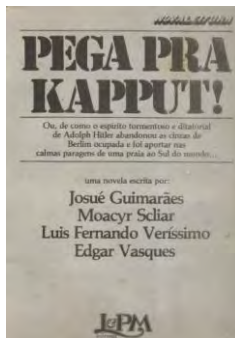


Mas um dos melhores resultados que vi certamente nunca foi considerado uma obra em quadrinhos. Trata-se do livro “Depois Que Todo Mundo Dormiu” de autoria de Eduardo Piochi, publicado pela Editora Ática em 1980. Um livro de 56 páginas, voltado para o público infanto-juvenil, colorido, um verdadeiro álbum de quadrinhos de fazer inveja a muita gente. Um desenho singelo do próprio autor contando uma história muito criativa, literatura infanto-juvenil da melhor qualidade. As crianças Beto e Cris esperam todo mundo dormir e saem em aventuras pela cidade. A frente da casa de Beto adquire status de submarino e sai navegando pelas ruas de asfalto como se fossem água. Em certo ponto da história, submergem e passam pelas estruturas dos prédios, pelas garagens subterrâneas e até pelos caixões enterrados de um cemitério. Tudo muito bem feito, leitura plena de



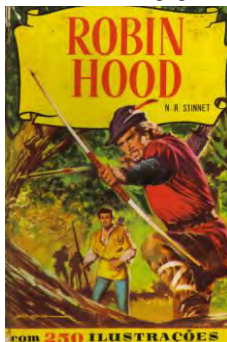
satisfação para criança de qualquer idade. As narrativas escrita e quadrinizada mantêm continuidade, deixando claro que as ilustrações não são independentes, uma mescla genuína de duas formas de expressão. Do autor, Eduardo Piochi, só encontrei mais um livro, “Peregrino do Tempo”, de 1989, este um romance com ilustrações esparsas.

Existem algumas experiências que se aproximam dessa tentativa de mesclar Literatura e Quadrinhos. Um bom exemplo é o livro “Pega Pra Kapput!”, lançado pela editora L&PM em 1981. Trata-se de um “rounding robin” entre os autores Josué Guimarães, Moacyr Scliar, Luís Fernando Veríssimo e Edgar Vasques. Usando a fórmula comum entre os escritores de romances policiais, cada autor escreve um trecho do livro e passa para o outro autor continuar, de preferência criando uma situação que o autor seguinte tenha que resolver. Do quarteto mencionado, os três escritores fizeram suas partes na forma de texto, mas quando chegou a vez de Edgar Vasques, este deu continuidade na forma de uma ou duas páginas de HQ. Neste caso também havia continuidade entre a narrativa escrita e a quadrinizada. O mesmo Edgar Vasques participou de outra edição parecida, “História/Histórias de Porto Alegre”, dessa vez em parceria com Tabajara Ruas e Liana Timm. Neste caso, também um trabalho muito bom, os textos de Tabajara Ruas com ilustrações de Liana Timm eram intercalados com episódios quadrinizados por Edgar Vasques. Não houve propriamente uma fusão de Literatura e Quadrinhos.



O ponto que defendo é que o autor que desejar se expressar usando várias formas de expressão, que assim o faça, se achar que isso serve à obra, porque em determinado momento é melhor uma sequência de imagens e em outro um texto escrito. Por que ou quando usar uma ou outra forma de expressão? Acontece que textos escritos e sequências em quadrinhos não têm a mesma eficiência informativa. Para uma narrativa, é possível fazê-la de forma competente tanto em texto quanto em quadrinhos. Para as descrições, no entanto, as ilustrações são mais eficientes do que os textos, é a famosa “uma imagem vale por mil palavras”. Por outro lado, para as dissertações, a HQ é pouco eficiente. Esta diferença de características nas formas de discurso justificaria um autor optar, dentro de sua obra, por uma mescla de formas de expressão, utilizando aquela que fosse mais adequada em cada caso. O público leitor, no entanto, de modo geral, não aprecia estas misturas. Também os autores ou editores que produzem estas obras mistas nem sempre o fazem pelo motivo correto.

A produção de livros usando textos e quadrinhos misturados é coisa antiga, remonta aos primórdios dos comic books nos Estados Unidos, na década de 1930, ou mesmo antes. Mas não eram obras pensadas para o melhor aproveitamento das linguagens escrita e quadrinizada. As editoras de livros viram na grande oferta de quadrinhos existentes na época uma oportunidade de produzir livros com apelo popular e economizar no uso de ilustrador. Assim, pegaram HQs famosas dos jornais e utilizaram suas ilustrações intercaladas com textos narrando a história. Várias dessas coleções foram publicadas no Brasil, com destaque para a Biblioteca Mirim. Com tamanho pequeno e grande número de páginas, ficaram conhecidas como “tijolinhos”. Na verdade, um atentado contra as obras originais, que tiveram seus quadrinhos retalhados com o acréscimo de textos escritos por funcionários fantasmas das editoras. Curiosamente, um dos maiores atentados, perpetrado pela Hastings House Publishers, teve algum mérito. O alvo foi o Príncipe Valente de Hal Foster. Esta coleção teve versão em português, publicada pela Rio Gráfica e Editora na década de 1960, na mesma época em que a editora tinha revista do personagem. No Brasil, a coleção teve seis volumes e, apesar de não publicar todos os desenhos feitos por Foster, mas apenas uma seleção deles, constituiu-se num atentado menor do que o cometido na própria revista do herói, onde a adulteração dos desenhos atingiu o ápice da imaginação. Nos livros, muitas vezes, as ilustrações eram publicadas em tamanho bem maior do que apareceriam em revistas do tamanho magazine e mesmo em muitos álbuns feitos com algum cuidado como os da Ebal a partir da década de 1970. Essas ilustrações em tamanho maior, mesmo atentando contra a obra por estarem fora do contexto da HQ, permitiram uma melhor apreciação dos desenhos de Foster.



Um outro formato de edição foi publicado no Brasil pela editora Bruguera, com dezenas de volumes divididos em pelo menos duas coleções. Livros de formato pequeno, capa dura e mais de duas centenas de páginas, intercalando três páginas de texto com uma de HQ. A “Coleção Histórias” trazia adaptações de romances e lendas, como Robinson Crusoe, Robin Hood, Moby Dick, etc. A “Coleção Heróica” trazia personagens famosos como Tarzan, Bonanza, Lassie, etc. As duas coleções claramente traziam as partes quadrinizadas retiradas de material produzido originalmente como história em quadrinhos. Uma deturpação das HQs originais com o propósito de, talvez, atrair o jovem leitor para a leitura de obras escritas.

QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTO

BINGO

Edgard Guimarães

A publicação de HQs no Brasil, apesar de tudo, é muito rica e sempre se encontram exemplos admiráveis. Esta coluna fará o registro de algumas dessas edições inusitadas, quase sempre de circulação restrita.

A primeira aparição do personagem Bingo e de seu autor, Paulo José, pelo menos em edições de maior visibilidade, foi na 4ª edição da revista “Crás!” da editora Abril, em abril de 1975, numa HQ de 4 páginas. O personagem voltou a aparecer em HQs de 7 e 6 páginas nos dois números seguintes de “Crás!”. Com o fim da revista, o personagem sumiu por algum tempo, mas Paulo José manteve produção constante com trabalhos de estúdio, muitas vezes em parceria com outros autores, com destaque para Henrique Farias. Em 1978, o nome de Paulo José apareceu em um álbum de quadrinhos publicado pela Rio Gráfica e Editora, aproveitando o sucesso do personagem Coalhada de Chico Anísio. O álbum, “Coalhada na Copa”, trazia HQs curtas humorísticas com o texto creditado ao próprio Chico.



Em uma produção de destaque de Paulo José foi a revista “Faustão”, baseada no apresentador Fausto Silva, lançada pela editora Abril em março de 1991, durando apenas 8 números. Algumas HQs pequenas do personagem Faustão apareceram na “Revista do Faustão”, revista de humor com algumas HQs, que durou apenas 4 números.

Em abril de 1993, no entanto, Paulo José e sua editora Bingo lançaram o jornal “Kidnews”, e quase duas centenas de escolas de São Paulo. “Kidnews” trazia uma grande variedade de personagens de vários autores como Heloisa, Verde, Rosana, Jorge Barreto e Airon, além, é claro, de produções de Paulo José, como o Sapo Xulé, o Indiozinho Sem Nome e o próprio Bingo. Trabalhos de alta qualidade, com propósito educativo e de entretenimento, que merecia um apoio efetivo de secretarias de educação. Paulo José ainda tentou lançar, pela editora Press, a “Revistinha Kidnews”, mas não passou do primeiro número, apesar da excelente qualidade gráfica e de conteúdo.

Mas o ponto em questão, aqui, é que o personagem Bingo, quando participou dessas publicações da década de 1990, estava... morto! Parece coisa de super-herói americano vagabundo. Vai e volta na maior cara de pau. Acontece que Paulo José produziu em 1989 um álbum em quadrinhos chamado “Bingo em Vida Nova para Zé Mutreta”, publicado pela editora Correio Fraternal do ABC, onde os personagens Bingo e Zé Mutreta morrem. Esta história, de orientação espírita, busca apresentar os conceitos de vida material e espiritual, segundo os ensinamentos de André Luiz/Chico Xavier. Assim, na página 10 da história, Bingo é morto e continua sua vida no outro plano. Independente da crença nos conceitos apresentados, o fato é que este trabalho resultou num álbum de primeira qualidade. São 44 páginas de uma história muito boa, muito bem desenhada, com um colorido rico (a cargo de Henrique Farias) e uma ótima impressão. Não deixa nada a dever aos melhores álbuns europeus do gênero. Uma curiosidade: quando Bingo apareceu em “Crás!”, sua cor era azul; depois passou a ser rosado; neste álbum, depois que morre e passa a um plano superior, volta a ser azul. A editora Correio Fraternal publicou outra edição com Bingo, dessa vez um número de “Revistinha Espírita” com a história ‘Bingo em Meu Amigo Obsessor’. Nesta história, mais curta, mas ainda muito bem produzida, Bingo ainda estava morto e era um espírito disposto a ajudar outros espíritos não evoluídos.

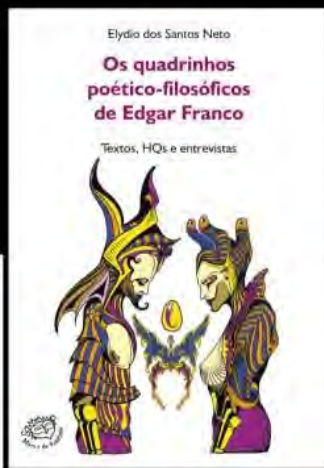
Bingo é morto e continua sua vida no outro plano. Independente da crença nos conceitos apresentados, o fato é que este trabalho resultou num álbum de primeira qualidade. São 44 páginas de uma história muito boa, muito bem desenhada, com um colorido rico (a cargo de Henrique Farias) e uma ótima impressão. Não deixa nada a dever aos melhores álbuns europeus do gênero. Uma curiosidade: quando Bingo apareceu em “Crás!”, sua cor era azul; depois passou a ser rosado; neste álbum, depois que morre e passa a um plano superior, volta a ser azul. A editora Correio Fraternal publicou outra edição com Bingo, dessa vez um número de “Revistinha Espírita” com a história ‘Bingo em Meu Amigo Obsessor’. Nesta história, mais curta, mas ainda muito bem produzida, Bingo ainda estava morto e era um espírito disposto a ajudar outros espíritos não evoluídos.





Tira com roteiro de Beto Martins e desenho de Rosemário.

A OBRA DE EDGAR FRANCO EM FOCO



EDGAR FRANCO E SUAS CRIATURAS NO BANQUETE DE PLATÃO

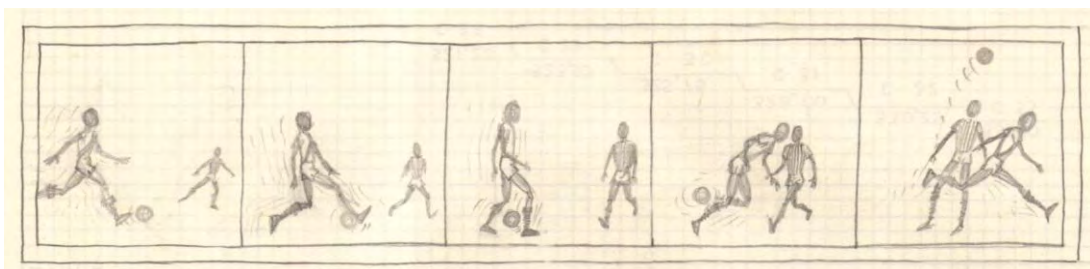
Nadja Carvalho
68p. 14x20cm. R\$12,00.

OS QUADRINHOS POÉTICO-FILOSÓFICOS DE EDGAR FRANCO

Textos, HQs e entrevistas
Elydio dos Santos Neto
116p. 14x20cm. R\$17,00.



editora@marcadefantasia.com
www.marcadefantasia.com



Vinheta feita por Edgard Guimarães, durante alguma aula, lá pelo final da década de 1970.

TIRANDO O CHAPÉU

SAM e SILO

Edgard Guimarães

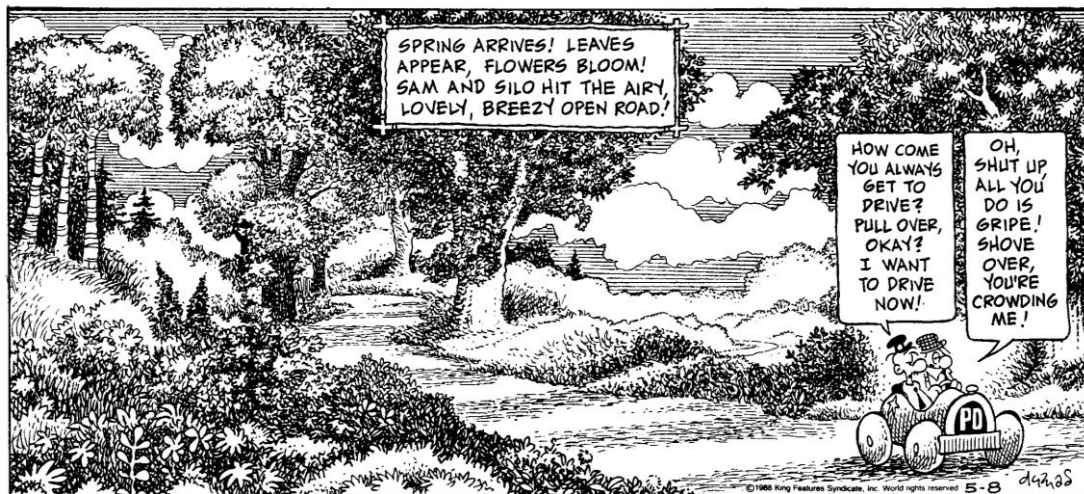
Às vezes, algum desenho ou tira ou HQ, por algum motivo, causa impacto inusitado em nossos sentidos. Esta seção mostrará alguns desses espécimes.

A editora Pixel lançou em banca recentemente uma revista muito simpática. Apesar do título “Recruta Zero”, não se limita ao soldado. Pelo contrário, traz toda produção de tiras e páginas dominicais feita em torno de Mort Walker, a partir de 1950, até hoje, envolvendo uma boa quantidade de grandes artistas e séries de sucesso. A primeira série de sucesso de Mort Walker, ‘Recruta Zero’, no original ‘Beetle Bailey’, foi criada em 1950 e desde muito cedo teve participação de outros artistas que foram se agregando em torno de Walker, com destaque para Dik Browne e Jerry Dumas.

A revista da Pixel mostra várias fases de diversas séries produzidas por Mort Walker e amigos, até trabalhos mais recentes produzidos por filhos dos criadores originais. ‘Recruta Zero’ já tem participação de Greg Walker, filho de Mort. A série ‘Zezé & Cia’, no original ‘Hi and Lois’, foi criada por Mort Walker, mas desde o início produzida por Dik Browne. As tiras atuais são produzidas com roteiros de Brian e Greg Walker e desenhos de Chance Browne, filho de Dik. A revista traz, dos mesmos criadores e atuais produtores, a série ‘Zeca & Fiapo, os Lixeiros’, mas não sei dizer se é uma série autônoma, ou se são tiras feitas para a série ‘Zezé & Cia’. Em 1973, Dik Browne cria ‘Hagar O Horrível’, atualmente produzida por seu filho Chris Browne. Mort Walker criou na década de 1960 a série ‘Arca dos Bichos’ ou ‘Arca de Noé’, no original ‘Boner’s Arc’, assinando seu nome do meio Addison. As tiras atuais são produzidas por Frank Johnson. O primeiro número da revista trouxe também a série ‘Zé Fumaça’ de Fred Lasswell, mas não conheço a relação desse autor com a turma de Mort.

Finalmente, a revista trouxe uma série de que nunca tinha ouvido falar, ‘Sam & Silo’, dois policiais de uma cidade do interior, criação de Mort e Jerry Dumas, desenhada pelo último. Esta encarnação da série surgiu em 1977, mas teve uma encarnação anterior. Recentemente adquiri um livro da Fantagraphics Books com a compilação de todas as tiras da série ‘Sam’s Strip’, criação de Mort Walker e Jerry Dumas. Esta tira circulou de final de 1961 a meados de 1963 e tinha como tema o mundo dos comics, usando um pouco de metalinguagem, interagindo com outros personagens, antigos e atuais, algo bem voltado para quem acompanha as histórias em quadrinhos. Na época a série não fez sucesso com os leitores e acabou depois de menos de dois anos. Posteriormente, Walker e Dumas reutilizaram os dois personagens, Sam e Silo, que antes aparecia mas não tinha nome, e apresentaram a nova série, agora mais normal, sem experimentações, e que é produzida até hoje.

No final do livro “Sam’s Strip” há menção à nova série ‘Sam & Silo’, mostrando algumas tiras e pranchas. Uma delas me impressionou pelo desenho, bem distinto do traço característico de Walker e Cia. Reproduzo-a a seguir.



AS CARAS DO BRASIL

Érico San Juan

Artigo publicado em 17/7/2012, na edição 703 de <http://observatoriodaimprensa.com.br>

Não sei se você sabe, mas eu faço caricaturas ao vivo em festas e eventos. Nessas ocasiões, as pessoas da festa se postam a minha frente, e eu desenho os rostos delas. Em geral, as mulheres das quais faço as caricaturas emitem uma fala-padrão: “Me faz mais bonita?” E eu faço, para não desagradar a cliente.

Os dicionários dizem que “caricatura” é um desenho exagerado, deformado ou grotesco de uma pessoa. Os mesmos livrões falam da origem latina da palavra “humor” e da sua função terapêutica ou crítica. Sigmund Freud, o pai da psicanálise, falou e escreveu a respeito. Freud, aliás, é muito desenhado pelos caricaturistas desde sempre.

Por mais que um caricaturista alivie a barra das mulheres, e o humor tenha as suas doses ocasionais de poesia e candura, a linguagem do humor não dispensa o riso sacana dos que veem um pobre coitado escorregando numa casca de banana. Some-se a isso o estado politicamente correto incrustado no imaginário coletivo dos dias de hoje. Como é que fica o humor, a sátira, o riso, a ironia? E a casca de banana, e a banana para quem merece?

As respostas, cada um tem a sua, por mais que se insista na promoção de debates a respeito dos “limites do humor”. Debates com todo o respeito, é claro. Só que um dos caricaturistas resolveu responder a esse mundo cruel com uma atitude construtiva. A resposta é o livro “Brasil do Bem”, uma edição cooperativa da Editora Virgo.

Personalidades caricaturadas pelo senso comum

“Brasil do Bem” junta-se a outros livros de humor da editora de Mário Mastrotti, cartunista e professor universitário de São Caetano do Sul, cidade posta no mapa do esporte nacional por conta de seu time de futebol. Este que vos digita participou de obras anteriores da editora: um livro de quadrinhos (“Tiras de Letra Outra Vez”) e outro de cartuns (“Celularidades”).

Mastrotti costuma reunir seus iguais do traço para coletâneas cooperativas, concedendo duas páginas para cada cooperado. No livro “Brasil do Bem”, caricaturistas de diversas partes do país contribuíram com três caricaturas cada um. Os retratados são figuras proeminentes da arte, da política e da cultura nacional. Gente que faz, entende?

A maioria dos desenhistas do livro escolheu personalidades exaustivamente caricaturadas pelo senso comum: Oscar Niemeyer, Rubens Barrichello, Raul Seixas, Rita Lee, Betinho, Ariano Suassuna. Alguns traçadores optaram por desenhar figuras ligadas ao universo do humor gráfico e televisivo: Ziraldo, Zacarias, Falcão, Costinha, Jô Soares e Zé Bonitinho (interpretado por Jorge Loredó). Cada caricatura é acompanhada de breves biografias dos homenageados.

Livro cumpre a missão e a intenção

Os estilos dos caricaturistas “do bem”, em geral, mostram aquele absoluto domínio técnico do desenho da figura humana, tão incensado em salões de humor e no que restou da imprensa escrita-impressa. Domínio que muitas vezes engessa a expressividade desejável de uma caricatura. O temor de muitos caricaturistas de fugir do padrão politicamente correto, padrão que pode existir apenas na cabeça de quem desenha, é visível nos rostos do livro.

O que pode deixar o leitor de fígado azedo – e vista cansada – é a escolha das letrinhas de baldezinhas de história em quadrinhos para os textos. Isso pode cansar muito mais do que os adjetivos floreados e as definições clichês. Todo atleta tem apenas “garra e determinação”? Todo artista é só um “ferrenho defensor da causa”? Todo cantor-chave deixa “imitadores, mas não substitutos”?

Para não dizer que não falei de flores... o melhor do livro, irregular como qualquer coletânea que se preze, são os desenhistas de trabalhos mais sólidos: DaCosta, Laudo, Spacca, Stegun, Fernandes, Bira, Alecrim e Mastrotti, o organizador da obra. Essa turma, cada um por si, pode fazer livros de qualidade. Alguns já fazem.

“Brasil do Bem” cumpre sua missão e intenção. Não sei se o inferno está cheio de almas bem-intencionadas, como se alegroa no ditado. Cá na terra abençoada por Deus, algumas delas continuam tentando melhorar a vida.

Érico San Juan é cartunista, radialista, designer gráfico e caricaturista. “Brasil do Bem”, coletânea, org. Mário Mastrotti, editora Virgo.



CONSIDERAÇÕES SOBRE O “QI”

Edgard Guimarães

Entrevista concedida para um Trabalho de Conclusão de Curso cujo tema principal foi a produção do “QI”.

FANZINES

Uma das coisas que tive problemas para identificar durante o processo desse trabalho foi o que pode ser considerado como fanzine. Porque acredito que não somente aspectos técnicos e gráficos podem determinar o que pode ser classificado como um fanzine. Por isso gostaria de aproveitar e pedir que você colaborasse com sua visão do que é um fanzine.

Ao descrever os fanzines, Henrique Magalhães cria uma divisão entre as revistas independentes e os fanzines (descritos como boletins informativos). Qual sua opinião sobre os “fanzines x revistas independentes”?

Henrique Magalhães faz uma divisão mais formal entre as publicações alternativas que são somente informativas (estas seriam os fanzines, propriamente ditos) e as publicações que trazem trabalhos inéditos dos próprios autores/editores (estas seriam as revistas independentes). Acontece que, na prática, de modo geral, as revistas independentes também são chamadas de fanzines pelos próprios editores. Por isso eu uso o termo “fanzine” para designar toda publicação amadora, independente do conteúdo (gênero, tema), da forma de impressão ou do tipo de distribuição.

Dentro do que li a respeito dos fanzines, cheguei a conclusão que muito mais que a forma, técnica e método de distribuição, o que define seu status é a relação entre o leitor e o autor do fanzine. A cumplicidade e a troca de informação, que precisa estar presente e que pode ser observado atualmente através de blogs na internet. Gostaria de saber se você concorda com a minha opinião, o se devo seguir por outro caminho.

A relação entre editor e leitor é característica importante no fanzine, você observou bem. Mas repito o que disse acima, o que caracteriza fundamentalmente o fanzine é o fato de ser amador. Talvez isso possa parecer depreciativo, pois a palavra amador é usada para definir coisa mal feita. Mas isso é um equívoco. O fanzine é amador em oposição à publicação profissional. Esta está sujeita ao mercado, seu conteúdo é definido pelo que os leitores querem. A meta principal do editor profissional é vender, por isso deve adequar o conteúdo da publicação ao gosto da maioria dos leitores. No fanzine, esta imposição não existe, daí o nome de publicação independente. O editor define o conteúdo da publicação independente do gosto do leitor. E só pode fazer isso porque a publicação é amadora, não depende de venda para se manter. Como consequência, somente o leitor que se identifica com o conteúdo é que vai procurar determinado fanzine. Então a relação especial entre editor e leitor no fanzine resulta da característica amadora da publicação. Cabe ressaltar: publicação amadora é a publicação feita por amor, pelo gosto pessoal. A maior parte das grandes obras de arte foi feita por amadores. Guimarães Rosa era médico e diplomata, Euclides da Cunha era engenheiro, nenhum deles era escritor profissional. Um número pequeno dos grandes autores consegue retorno financeiro suficiente para se dedicar à sua arte de forma profissional. Repito: não confundir profissionalismo com boa qualidade e amadorismo com má qualidade. Muitas vezes é exatamente o contrário. O profissional, para abaixar o preço, tem que fazer um trabalho de menor qualidade, enquanto que o amador pode se dedicar com esmero ao seu produto, sem a preocupação de limitar seu custo.

PROCESSO DE PRODUÇÃO DO “QI”

O processo de produção do “QI” apresenta uma grande importância, porque demonstra como o processo de um editor de fanzine pode ser realizado não seguindo um mesmo padrão, mas obtendo resultado esperado de um profissional da área de comunicação visual. Gostaria de tirar algumas dúvidas que não ficaram claras para mim sobre todo o processo.

Durante o processo de criação do “QI” foi utilizado algum tipo de convenção para sua diagramação (determinando onde ficariam colunas, imagens, seções etc)? Se sim, você ainda utiliza essas convenções?

O “QI” foi idealizado como uma publicação informativa, por isso o conteúdo tem prioridade sobre a forma. E minha intenção é que a forma seja a mais simples possível, que permita a leitura agradável e eficiente. Daí, antes de qualquer coisa, a escolha do tipo de letra Times New Roman, que, para mim, é a que menos distrai o leitor, deixando que o conteúdo prevaleça. Outro determinante na diagramação do “QI” é que deve trazer a maior quantidade de informação possível no menor número de páginas. Esta restrição deve-se ao fato de que inicialmente era gratuito e não podia ter um custo gráfico e de envio grande. Como consequência, defini o tamanho 7 para a letra, o seja, uma letra bem pequena, mas ainda legível. Com uma letra pequena, para as linhas de texto não ficarem longas, tive que escolher diagramação em duas colunas. Desse modo, acho que o visual fica mais agradável, considerando o fato de que a letra foi definida pequena por motivo econômico. Com duas colunas, também facilita a colocação das reduções das capas das edições divulgadas. Mas, como disse, o principal é a simplicidade da forma que permita a transmissão do conteúdo. Por isso, não me preocupo em inovar nas diagramações das seções. Criei o padrão para as diversas seções e a mantenho sem mudanças.

Durante o desenvolvimento das edições, é empregado o uso de rascunho, bonecas, ou algum tipo de artifício para visualizar a peça impressa?

As seções fixas ('Fórum', 'Edições Independentes', 'Mantendo Contato') têm um padrão, ou seja, tenho um arquivo padrão no qual vou atualizando os textos. Assim, vejo como vai ficando no próprio arquivo do Word e imprimo quando fica pronto. Não uso um único arquivo para toda a edição, porque computadores não são confiáveis. Por isso, cada edição tem pelo menos três arquivos, um com a seção de edições independentes, outros com as capas e a HQ central e outro com a seção 'Fórum', anúncios, HQs e textos diversos. Portanto, não há necessidade de fazer um rascunho ou uma boneca, o "QI" é suficientemente simples para que isso seja necessário.

Inicialmente foi relatado que desde as primeiras edições do "QI" em 1992, eram produzidas com o auxílio do computador, ainda que a maior parte do processo fosse manual. Você poderia detalhar esse processo? Como era usado o computador nesse processo? Somente para digitar as informações ou apresentava mais alguma função?

Embora no início eu já tivesse computador e impressora, não eram máquinas apropriadas para aplicação gráfica. O computador não tinha memória suficiente para armazenar imagens (além disso eu não tinha scanner, que era caro na época) e a impressora não tinha boa qualidade gráfica. Então usava o computador apenas para redigir os textos, imprimia as colunas, recortava e depois montava as páginas colando os textos e as imagens nos locais apropriados. Como a impressora matricial não tinha muita qualidade, eu escrevia os textos com o dobro do tamanho, imprimia e fazia uma cópia reduzida de 50%. Com isso o resultado é um texto com o dobro da resolução gráfica. A miniaturas das capas eram feitas tirando cópias reduzidas das cópias reduzidas, até chegar ao tamanho desejado (ainda hoje as copiadoras têm um limite de redução de 50%, não dá para conseguir uma grande redução de uma única vez). Com as capas reduzidas e os textos recortados, em cima de um gabarito, eram colados formando a página final. A numeração das páginas era feita com decalque (letraset). Aí tirava uma cópia da página com as colagens para retocar com guache branco as sombras das colagens. Esta cópia já servia de matriz para a impressão em off-set. As máquinas mais simples de off-set usam chapa que pode ser gravada a partir de original em papel, dispensando o fotolito.

Também foi relatado que todo o processo de diagramação com as imagens era realizado manualmente, com redução através de fotocópia até o tamanho final que seria impressa a revista. Como é realizado atualmente esse processo de diagramação de imagens (existe algum processo de tratamento digital para escanear as imagens e editá-las em algum programa digital)?

Atualmente faço praticamente tudo no computador. Com um computador melhor, é possível guardar arquivos maiores contendo imagens. Como já disse, já tenho arquivos padrões para as diversas seções do "QI". Por exemplo, para a seção 'Edições Independentes', tenho um arquivo com todos os verbetes já digitados. A cada número, acrescento verbetes de edições que nunca foram divulgadas e atualizo os verbetes de novos números de edições já divulgadas. Isso facilita bastante o trabalho. Depois de tudo atualizado, apago os verbetes que não serão usados e acrescento as imagens das capas nos locais apropriados. As imagens eu obtenho escaneando as capas e fazendo as reduções no próprio Word. Aí o processo de recortar e colar é feito no aplicativo Word. Infelizmente ainda não consegui a melhor maneira de tratar a imagem. Apenas escaneio as capas (as em preto e branco uso o formato bitmap e as coloridas uso o formato jpeg). A qualidade é muito boa para visualização no vídeo, mas não é a mais adequada para a impressão off-set, que não usa meio tom. Mas, como disse, ainda não descobri como fazer o tratamento da imagem para que fique adequada para impressão em off-set. Apenas lembrando, os processos de impressão xerográfico e off-set não são apropriados para reproduzir o meio-tom, apenas o preto e branco. Por isso uma imagem com meio tom tem que ser adequadamente reticulada para que a reprodução fique boa. Esta forma adequada de reticular os originais com meio tom é que eu ainda não descobri como faz. O processo de escanear, por si só, já discretiza a imagem original, mas não da melhor forma para o uso na reprodução xerográfica e off-set.

Existe uma razão para que o papel vegetal seja impresso por você e entregue à gráfica, já que a maioria das gráficas presta esse tipo de serviço? Diminui o valor final do processo?

A gráfica em que faço a impressão usa uma máquina de off-set cuja chapa de impressão só pode ser feita a partir de fotolito (ou seja, uma foto em material transparente). A transferência do original para a chapa exige um original transparente. A feitura do fotolito é um processo caro e só se justifica para tiragens grandes. Há transparências próprias para impressora laser que resolvem o problema, mas ainda são um pouco caras. Uma alternativa é o uso do papel vegetal, que tem transparência suficiente para que o processo de gravação da chapa funcione. Teoricamente, há perda de qualidade, mas não é algo que eu consiga perceber. Se eu fornecer o original em papel opaco, a gráfica pode tirar uma cópia em vegetal e não me cobra nada. No entanto, isso acrescenta mais uma transferência no processo, o que certamente diminui a qualidade final. E já aconteceu comigo uma situação em que esta perda de qualidade foi notável. Eu não tive tempo de fazer a cópia em vegetal e levei à gráfica o original em papel. O original era de uma HQ cujos traços não tinham grossura constante. A tirar a cópia em vegetal, a máquina copiadora, por algum motivo, saturou a cópia e os traços dos desenhos ficaram com grossuras uniformes, alterando bastante a aparência. Por isso, é melhor eu tirar a impressão diretamente em vegetal. Segundo o impressor, o ideal é que a cópia no vegetal seja tirada invertida (ou espelhada). Isso melhoraria a qualidade da transferência do vegetal para a chapa. A impressora que eu tinha possuía este recurso, mas a atual não tem. Então, atualmente imprimo o vegetal sem espelhamento. Não noto diferença na qualidade devido a este fato. Na verdade, a maior perda de qualidade ocorre se a chapa não é bem gravada e depois na própria impressão, ou seja, na transferência da imagem da chapa para o papel.

FÓRUM

ALEXANDRE YUDENITSCH
C.P. 613 – São Paulo – SP – 01031-970

Parece que ler a compilação de meus e-mails que você publicou no 'Fórum' do "QI" 114 me deixou com a impressão que agora eu estava "em dia", que acabei deixando passar a chance de comentar este número, e só depois de ler o "QI" 115 é que me dei conta de estar em atraso de novo... Mas, ao ler o 'Fórum' do "QI" 115, vi que não houve nenhum comentário sobre o que tínhamos comentado no anterior (só o Luiz Antônio Sampaio me enviou uma mensagem sobre o assunto), então acho que ninguém sentiu muita falta!

Interessante que o seu artigo 'O Fim dos Fanzines' tratou de outro assunto que também já comentamos antes, em 2009:

Os aspectos de "mercado" são mais sentidos na parte que envolve negócios, isto é, dinheiro – e, como a produção, divulgação e distribuição de publicações sempre envolvem dinheiro, ele passa a pesar muito; mas, veja como os aspectos de "mercado" deixam de pesar tanto quando a produção, divulgação e distribuição de publicações custam muito pouco, como é o caso da internet!

E em 2010:

A publicação digital permite tornar independentes as atividades de criação, editoração, distribuição e "consumo" (leitura, audição, visão etc.), podendo cada uma delas ter vários "modelos econômicos", de forma a atender ao maior número de pessoas, da melhor forma – e isto é algo bem novo, e interessante!

E sua conclusão parece confirmar isso:

Para a finalidade de informar o leitor sobre lançamentos, parece claro que os blogs e sites são mais eficientes. Para os textos analíticos, já não tenho certeza. Minha impressão (...) é que os fanzines que sobreviverem serão os que aprofundarem questões relevantes sobre os quadrinhos, os que se tornarem "quase livros" e ainda os que se mantêm como dossiês sobre algum assunto.

Vamos ver se, pelo menos desta vez, haverá uma repercussão maior sobre este assunto, entre os leitores.

Neste número, complemento o artigo 'O Fim dos Fanzines' analisando as edições divulgadas no "2º Anuário de Fanzines, Zines e Publicações Alternativas" da editora Ugra.

ESPEDICTO FIGUEIREDO

R. Tamiko Fuzioka, 212 – São Paulo – SP – 04728-190

Muito boa a matéria 'Tintin em Portugal' de Carlos Gonçalves! Eu comprei o exemplar do Capitão América, da série "Coleção Histórica Marvel", na esperança que tivesse as primeiras histórias desse herói. Só tem uma! O resto são histórias já do Stan Lee. Vinte mangos jogados fora...

Este volume vale mais por uma fase supervalorizada feita pelo Jim Steranko, que tem um desenho bem dinâmico. Das HQs feitas por Kirby, quatro delas já tinham sido publicadas recentemente no único volume de Capitão América que saiu na série "Biblioteca Histórica Marvel", que pretendia publicar as histórias do herói em ordem cronológica, mas a partir da era Marvel, década de 1960. A era Timely, década de 1940, talvez seja encontrada em livros em inglês da Marvel americana (dei uma olhada no Amazon e não vi nada). As histórias de Kirby e Simon feitas para a DC na década de 1940 estão todas virando livros pela própria DC. As feitas para outras editoras menores estão virando livros pela inglesa Titan Books. No Brasil, o primeiro Capitão América, digamos o original, só para quem acompanhou os álbuns do Valdir Dâmaso.

ANDERSON CAMILO DA COSTA

R. Três, 135 – B. Nova Esperança – Ipatinga – MG – 35162-750

'Memória do Fanzine Brasileiro' tá muito show, pois é a história de pessoas que fizeram a história, e, pelo visto, ainda fazem, né? No momento, é esta a coluna que mais curto. Outro dia desses, tava fazendo uns gibis, e eis que em meio às múltiplas multiplicidades das ideias vastas que permeiam o multiverso HQ, deparei-me com um super-herói meio que estilo "naked", de mãos literalmente nuas. Um sobrevivente nato. Agora, queria só saber se já saiu alguma HQ contando a origem deste personagem brasileiro que é o Corcel Negro. Curti pacas este herói, acho que tem muitos de nossos símbolos nacionalistas n' alma. Mas flerta também com incriveis possibilidades inimagináveis. E é isso, na minha opinião, que o torna tão atraente enquanto personagem.

Alcivan Gameleira, criador de Corcel Negro, publicou dezenas de edições do herói. Recentemente o personagem está ganhando edições caprichadas da Editora Júpiter II do José Salles. Já saíram 5 números, não sei dizer se em algum deles tem a história da origem do personagem.

Desculpe, mas não resisti à tentação... Outro dia, li numa determinada revista a crítica de um rapaz sobre aquela fase do Hulk na encruzilhada, que, segundo ele, não foi tão boa assim. Sei que o "QI" tem assuntos deveras mais importantes a tratar. Todavia, queria deixar aqui o meu manifesto. Não que o sujeito não tenha o direito de ter a sua opinião, mas aquilo do verdão na encruzilhada foi poesia pura. Um marco "além da imaginação" nas sagas vindouras do Hulkão, foi um divisor de águas. Foi lindo, marcou-me a infância.

GASPAR ELI SEVERINO

R. João Voss Júnior, 66 – Brusque – SC – 88350-685

O caso relatado nesse "QI" 115 é uma das bem garimpadas descobertas que existem em quase todas as cidades brasileiras. Sempre que se percorre um livraria ou banca de revistas antigas se descobre exemplares nunca vistos de HQs. Mas quem faz essas descobertas é que se constitui num número reduzido. Infelizmente os adeptos das HQs que possuem esse recurso, ou talento, formam um grupo de poucas pessoas em cada comunidade. Gostei muito da tua história na Livraria Muito Prazer. Esse tipo de relato incentiva outros leitores a imitar o procedimento. Que é relevante para a cultura de um modo geral. O 'Mistérios do Coleccionismo' ratifica e complementa essa bem contada história da "Hypnos".

A riqueza e a diversidade do "QI" está presente neste número, com a matéria de Henrique Magalhães, 'Heróis Brasileiros' com Mylar, 'Coleções que Reúnem até 30 Mil Revistas' de Antônio Barros, 'Mantendo Contato' de Worney, o depoimento do editor José Valcir. Formam um bloco atraente de se ler, do tipo que a gente gostaria que tivesse mais páginas. Mas se conforta sabendo que logo virá o "QI" 116. Isso é entretenimento, como disse o Jake LaMota, quando fazia parte do mundo dos espetáculos.

Interessante a história de Santos Lima, que era português e veio para o Brasil e participou ativamente de atividades culturais até sua morte em 1938. Notei, e me lembrei quando li o comentário dele a respeito de Mário Silva, o tipo de linguagem utilizada, característico da época, com rico vocabulário e estilo formal.

ANTONIO PEREIRA MELLO

R. Oscar Henrique Zappe, 212 – Santa Maria – RS – 97045-350

Estive 15 dias envolvido com a Feira do Livro, estou lhe enviando dois gibis (produção santamariense) lançados na feira. Gostamos muito (eu, minha mulher, meu enteado e minha enteada) do "QI", o 'Mistérios do Coleccionismo', 'Quadros em Sequência?', 'Tintin em Portugal', dos desenhos do Chagas Lima e da Flávia Andrade, e das tirinhas do Luiz Cláudio. Muito boa a entrevista com meu amigo Denilson Rosa dos Reis.

LARI FRANCESCHETTO

R. João Leivas de Carvalho, 98 – Veranópolis – RS – 95330-000

Acuso recebimento do “QI” 115, recheado de informações, presença de tantos amigos de intercâmbio e, de praxe, apreciação, leitura e divulgação. Aqui, na luta e na recuperação de complexa cirurgia que fiz no dia 23 de maio. Fê e índole!

INVESTIGAÇÃO**Lari Franceschetto**

Procurei-te
nas avenidas, praças, ruas,
bares, boates, bairros,
becos da cidade.

Procurei-te
à beira do asfalto,
no pão escasso à mesa,
na dor dos descalços,
no parapeito das janelas,
nos dias de deserto,
no deserto das palavras.

Procurei-te
água límpida
entre pedras de riacho.

Procurei-te
onde silêncio
mostra rosto,
deixa marcas.

E simplesmente
era em mim
onde moravas.

ALEX SAMPAIO

P. São Braz, conj.02, Bl.D, ap.03 – Salvador – BA – 40235-430

Nesses tempos bicudos onde a informação sobre Histórias em Quadrinhos anda escassa, é um privilégio ter em mãos um informativo tão importante para nós que gostamos de HQ. Faz tempo que não leio nenhuma notícia que abranja as Histórias em Quadrinhos. Em banca, nada vemos dos quadrinhos da Era de Ouro, pois as editoras não publicam heróis do passado. Não só as Histórias em Quadrinhos dos velhos tempos eram boas, mas também o tipo de traço dos desenhistas, o cuidado na elaboração e enquadramento. Os gibis do período de 1940 a 1960 eram de fato a melhor fase, embora alguns insistam em dar mais ênfase na década de 1950. Há verdadeiras obras de arte, tanto nas capas quanto nos roteiros inteligentes e quadrinhos bem desenhados. As capas sempre foram um espetáculo que ajudava na venda das revistas. Os quadrinhos no Brasil possuem uma longa história, que remonta ao século XIX, com o belíssimo trabalho de Angelo Agostini, que criou uma tradição ao introduzir desenhos com temas de sátira política e social nas publicações jornalísticas e populares brasileiras. Nesse contexto, se enquadram Zé Caipora e Nhô Quim. A partir dos anos 1930, houve uma retomada dos quadrinhos nacionais com os artistas brasileiros trabalhando sob a influência estrangeira, com produção de tiras diárias de super-heróis. Em 1939 foi lançada a revista “O Gibi”, nome que se tornaria sinônimo de revista em quadrinhos no Brasil. Os quadrinhos realmente são fantásticos e até moda já influenciaram. Tanto assim que o grande desenhista Alex Raymond, na década de 1930, inventou a minissaia no Planeta Mongo, para a mocinha Dale Arden, namorada de Flash Gordon. A moda internacional colocou a minissaia na década de 1960 e nunca mais saiu do auge. Todo esse discurso é para mostrar o quanto de bom nós tínhamos e as editoras atuais estão conseguindo acabar com toda essa trajetória, pois não vemos os melhores heróis do passado em bancas do Brasil. Uma lástima!

CARLOS GONÇALVES

R. Tomás da Anunciação, 171, 3º Dto – Lisboa – 1350-326 - Portugal

Uma nota 10 para ‘Mistérios do Coleccionismo’. Este é sempre um tema que apaixonou os colecionadores, embora lhes crie variadas dores de cabeça, ao longo do seu percurso. Se aí no Brasil há dúvidas sobre a saída ou não da revista tal, aqui em Portugal é muito mais complexo o problema. Tratando-se de um pequeno país com 10 milhões de pessoas e uma publicação na ordem de 50.000 itens dedicados à Banda Desenhada, as dúvidas subsistem ainda hoje, sobre a publicação deste ou daquele número, desta ou daquela coleção. Não só se verificam duplicações, a coleção “Nero Kid” tem dois nºs 8, temos ainda o mais grave, números que nunca foram publicados. As “Seleções do Mundo de Aventuras” não publicou o nº 158, num horizonte de quase 300 números publicados. A “Coleção Guerra” tem falta dos nºs 183 e 184 em mais de 400 números editados. Presentemente os colecionadores, que são todos conhecidos entre si, de uma maneira geral, descobriram que a coleção “Flecha de Prata” não tem lá o nº 24... saiu, não saiu? Depois ainda temos outra situação tão grave quanto esta. As coleções “Topaventura”, “Topbanda” e “Seleções Tio João”, a partir de uma certa altura, deixaram de apresentar qualquer identificação nas capas dos novos títulos saídos (não têm número, data ou qualquer indicação). Resultado: não sabemos os títulos que saíram, embora tenhamos vindo, pouco a pouco, e ao longo dos anos, a elaborar uma lista do que teria saído (sem absolutas certezas). O mesmo se passa com as dezenas de títulos publicados sobre temas eróticos e pornográficos. A partir de princípios de 1974 (depois do 25 de Abril, a chamada Revolução dos Cravos), deu-se a liberação da Imprensa e, como tal, algumas editoras, incluindo a Portugal Press, resolveram dedicar algum do seu espaço empresarial à publicação de umas largas dezenas de títulos, vendidos em escaparates os eróticos, e nas bancas das estações de comboio (para militares, ávidos de sensações) os pornográficos. Muitos deles não traziam identificação do editor e muito menos numeração. Estão publicados mais de 500 títulos e ainda hoje tentamos saber onde terminou esta ou aquela coleção (cujo último número aparece surpreendentemente à venda na Feira da Ladra ou outro local, porque quem tinha esse material em Armazém resolveu lançá-lo agora, passadas duas décadas) ou quais são os títulos que faltam nessa ou naquela coleção, porque os mesmos não eram numerados.

Quanto aos Fanzines, este continua a ser um dilema. Todos nós sabemos que muitos jovens, quando se iniciam no campo das Histórias aos Quadrinhos, como argumentistas ou desenhadores, adoravam ver os seus trabalhos publicados. Ninguém gosta de criar algo, sabendo que este acaba no fundo da gaveta, embora esta seja uma situação que se repete, para todos aqueles que se encontram nessa situação. Os editores normalmente não apostam nesses candidatos, até que existam provas de uma possível e frutuosa carreira. Os investimentos são caros e terá que haver uma contrapartida. Só os franceses e os belgas, com as suas escolas, se atrevem a lançar novos autores. Mesmo em Itália, com a tradição que possui, as apostas são feitas com o material Bonelli, de comprovada venda. Aí no Brasil, não precisamos de falar, pois na verdade, tirando os sucessos de “O Anjo” e o “Jerônimo”, de que fala no seu artigo “Os Mistérios do Coleccionismo” (eu acrescentaria todas as revistas que foram dedicadas ao Terror, um tema muito querido dos leitores brasileiros e onde muitos desenhadores nacionais deram o seu melhor na criação de muito e excelente material), muitos dos novos autores têm dificuldades em se firmar no mercado. As apostas dos editores são curtas e, quando acontecem, infelizmente ficam pelo primeiro ou segundo número da coleção. A decisão fica pois pela autopublicação, um modo de se verem realizados os sonhos de qualquer criador. Hoje, devido aos elevados custos de qualquer Fanzine, muitos autores já se retraem nessa aventura. Poderíamos falar nos blogs, uma forma de contornar essa situação, mas há alguma coisa que substitua o nosso velho e querido papel, as nossas belas capas a cores, as nossas revistas que podemos folhear a nosso belo prazer, mesmo a cheirar a mofo ou a bafio, às vezes amareladas pelo tempo, sempre presentes quando as buscamos, nas estantes, nas prateleiras, na mesa de cabeceira, relembando os nossos sonhos de juventude?

ANITA COSTA PRADO

C.P. 20020 – São Paulo – SP – 02720-970

A diminuição dos fanzines impressos é indiscutível. Minha lamentação inicial deu lugar a uma iniciativa e adaptação. Criei o blog Cafopo da Katita como um zine virtual, tendo atualizações diárias e espaço para todas as artes. Com mais de 80.000 acessos, constatei não só o aumento nas vendas das publicações da Katita, bem como de alternativos citados. Todos os zines que editei juntos não conseguiram tal abrangência, mas há uma diferença: meus zines impressos foram divulgados na TV Cultura, Globo e MTV. Se eu quiser enviar divulgação do blog, terei que fazer uma edição impressa para mandar, pois e-mails com links, as emissoras, jornais e revistas recebem e raramente divulgam. O papel ainda tem sua importância.

ANTONIO ARMANDO AMARO

R. Haia, 185 – Penha – São Paulo – SP – 03734-130

Vou começar agradecendo pelos seus comentários em ‘Mistérios do Coleccionismo’, ‘O Fim dos Fanzines’, ‘Heróis Brasileiros’ e ‘Hypnos’. Você nos dá uma aula de como se deve escrever artigos sobre quadrinhos. Também agradeço por ter publicado a foto que tiramos na entrega do Prêmio Angelo Agostini e as duas belas ilustrações do mestre Osvaldo Talo, assim como o belo poema da Alda Cabral. Ela fica muito feliz por você publicar poemas que a maioria dos leitores brasileiros não conhece. Agora, o que vou criticar neste número? Acho que nada mesmo. Como sempre, gostei muito do artigo do Worney de Souza, não conhecia o Beguinha e sua turma, não era nada original, mas era um belo trabalho do Eduardo Maciel. Gostei do depoimento do José Valcir e da reportagem enviada pelo Abelardo Souza, dos lançamentos do Sérgio L. Franque, e não esquecendo a linda capa do Lancelott e tua ilustração da bela garota tomando banho. É um colírio para os olhos dos seus leitores. Estou te enviando mais duas ilustrações do mestre Osvaldo Talo com temas egípcios e mais um lindo poema da mestra Alda Cabral. Até parece que ela fez especialmente para minha neta Lívia. O meu filho Guilherme já fez dezenas de desenhos, a lápis, a grande maioria com temas da Idade Média, estou te mandando dois, espero que gostes, ele aproveita para te mandar um abraço.

HINO À INFÂNCIA

Alda Cabral

Ó seres pequeninos
Ó gente de palmo e meio
Meus embriões-meninos
Passarinhos em passeio
Florinhas entreabertas
A enfeitar o Mundo-Terra
Milhares de descobertas
Que esse grupinho encerra.

Passinhos vacilantes
Num vértice de magia
Mais tarde serão gigantes
Como o sol aquecendo o dia
Futuro e esperança
Do tempo em mutação
Será tu ó criança
O cerne da construção!

Com tuas mãos pequeninas
Já exprimes o que há-de ser
Como o verde das campinas
Sem o calor a esmaecer
Cantemos-lhe unidos
À infância demos valor
Que Ela seja bem-vinda
E respeitada com amor!



SÉRGIO LUIZ FRANQUE

R. Cezar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540

Obrigado mais uma vez pela divulgação que fizeste no “Q1”, ficou ótima. Sobre a pergunta que me fez sobre o Tim Relâmpago. Tenho um livro grande, muito bem produzido, sobre a Ebal, com as capas em miniaturas de todos os n°s 1 e algumas sobre almanaques, a cores. Na página 100, Lista de Publicações, consta que esta coleção vai até o número 20. Eu não tenho muitas revistas do Tim Relâmpago, tenho somente uns oito números. A capa do almanaque que montei deste herói é a capa do n° 22, que eu tenho entre os poucos meus. Eu recebi um catálogo de vendas de gibis antigos do nosso amigo Marcos de Moraes Campos, há alguns anos, e ele vendia todas as 32 edições encadernadas. Portanto, não posso responder com exatidão, mas eu tenho o n° 22 e o nosso amigo do Rio de Janeiro vendia todo o lote de Tim Relâmpago do n° 1 ao 32!

O livro que você mencionou, “Ebal – Fábrica de Quadrinhos” de Ezequiel de Azevedo, imagino que seja a fonte do erro que mencionei na página 3, na seção ‘Mistérios do Coleccionismo’. É provável que o responsável pelo sítio www.guiaebal.com tenha inicialmente colocado que a coleção de Tim Relâmpago tenha ido até o n° 20 confiando na informação deste livro. Parece-me que esta série de Tim Relâmpago, publicada entre outubro de 1971 e maio de 1973, dentro do título “Quadrinhos” (2ª série) foi mesmo até o n° 19. O n° 22 de Tim Relâmpago que você diz que tem deve ser da coleção “Reis do Faroeste” (2ª série), que teve 70 números entre outubro de 1961 e julho de 1967, trazendo vários caubóis diferentes na capa. Tim Relâmpago ocupou a capa e o título dos n°s 4 (jan/1962), 7 (abr/1962), 10 (jul/1962), 13 (out/1962), 16 (jan/1963), 19 (abr/1963) e 22 (jul/1963). Este n° 22 de 1963 deve ser o exemplar que você tem. Quanto à coleção de 32 números anunciada pelo Marcos Moraes, que você mencionou, talvez haja aí um engano. Com 32 números pode ser que seja a coleção “Roy Rogers” (4ª série), publicada entre março de 1973 e outubro de 1975, ou “O Poderoso” (1ª série), estrelando Gunsmoke/Matt Dillon, publicada entre maio de 1970 e dezembro de 1972. Nessa época, houve também a 7ª série de “Aí, Mocinho”, estrelando Paladino do Oeste e Homem do Rifle, com 33 números de março de 1973 a novembro de 1975. Ou ainda os 39 números de “Reis do Faroeste” (3ª série), publicados entre janeiro de 1970 e março de 1973, estrelando Cheyenne, cujo ator, Clint Walker, tinha um tipo físico parecido como o do ator que interpretava Tim Relâmpago.

Eu também curto muito as revistas da Warren, principalmente os artistas que eram da EC e os espanhóis que apareceram a partir do número 50 da “Creepy”. Tem um livro, “Warren Companion”, que é muito interessante, difícil de achar e caro, mas tem um número da revista “Comic Book Artist” que tem várias matérias do livro mas não tem o checklist completo. Muito legal a história de como Toutain chegou no escritório da Warren na pior fase (vendendo pouco, editando reprises, sem grana para pagar os artistas) e salvou a editora com um portfólio de Esteban Maroto, Ortiz, Bermejo e outros. E os americanos nunca aceitaram isso muito bem.

Sobre a EC, recomendo os livros “Foul Play” e “Tales of Terror”, ambos excelentes. É interessante que alguns artistas tenham desistido de trabalhar com HQ quando a editora fechou. As outras editoras não tinham tanta preocupação com qualidade e não davam tanta liberdade criativa. Al Williamson, Reed Crandall, Wally Wood publicaram mais trabalhos na EC. A linha de ficção da EC era um dream team, com HQs sempre com mensagens contra preconceito, exploração e injustiças. Os livros de Russ Cochran com material da EC são muito bem editados, capas originais formato grande e o melhor... preto e branco. Melhor que a edição original. Uma vez você me disse que os gibis da EC eram vendidos para menores de idade. É verdade, esse foi um dos problemas da editora. Você sabia que o formato do stand de revistas que determinou o formato americano? As revistas tinham que caber ali ou não eram vendidas. E o stand era de gibis infantis. Isso foi quebrado com a Warren, que inaugurou o formato magazine. Os vendedores chiaram no começo, mas se dobraram às vendas de Vampirella e cia.

Ouvi uma história de que o Fredric Wertham, no fim da vida, escreveu roteiros para HQs e de terror! Conhece esse papo? Essa é confirmada: antes de “Sedução dos Inocentes”, o Wertham escreveu o “Show da Violência”, sobre a psicologia dos criminosos, e depois escreveu “War on Children”, sobre a influência negativa da TV nos jovens, mas não foi publicado... talvez o lobby da TV era mais forte.

Sobre o Josep Toutain, eu tinha lido uma história de que ele tinha sido procurado pelo James Warren, que queria vender o material de sua editora para publicação na Espanha; e Toutain fez a contraproposta, publicaria o material americano da Warren na Espanha se Warren publicasse material espanhol nos EUA. Sempre achei essa história bem paradigmática de como um editor deve se comportar. Quando foi que alguma grande editora brasileira, ao ser procurada pelos representantes de editoras estrangeiras, fez algo do tipo? Aproveitar sua força como comprador para também vender material brasileiro. Nem a Abril ou a Globo quando tinham material do Maurício de Sousa, supostamente um material de interesse internacional, fizeram isso. Mas como vi no excelente artigo que você me mandou sobre os espanhóis na Warren (“Comic Book Artist”, primavera de 1999), Josep Toutain tinha na Espanha uma empresa que agenciava artistas espanhóis para outros mercados europeus, especialmente o inglês, onde publicavam bateladas de histórias com destaque para as românticas e de guerra. Com toda essa experiência e com um portfólio invejável com dezenas de artistas da mais alta qualidade, Toutain conseguiu aos poucos vender HQs para a Warren, até dominar quase totalmente as páginas de suas revistas. Posteriormente, Toutain criou na Espanha sua própria editora e, entre tantas coisas, publicou versões espanholas das revistas da Warren.

Quanto a Wertham, ter escrito roteiros de terror parece meio forçado, uma mentirinha criada pelos seus inimigos. Aquela coisa bem Stan Lee, que falou sua cota de bobagens sobre Wertham. Mas tive notícias de que na década de 1970, Wertham escreveu textos a favor dos fanzines, como uma atividade a ser incentivada entre os delinquentes juvenis, para ocupá-los com atividades saudáveis e desviá-los dos crimes, o que parece razoável. Wertham teve pelo menos um livro publicado no Brasil, “A Marca da Violência” (“A Sign for Cain”), de 1966.

Recebi a edição nº 115... Maravilha! E, lisonjeado, claro, pela estampa da minha arte na capa – uma honra para mim. No ‘Fórum’, queria corroborar com o Edgard quanto às belas e bem acabadas publicações do Sérgio Luiz Franque, no tangente às publicações do Tarzan, quando se refere a não existência de edições com material de Manning, Lubbers, Celardo, Hogarth e mesmo Hal Foster. Há tempos que garimpo alguma publicação com todo material de Bob Lubbers e não encontro. Eu mesmo já consegui muita coisa dele, como as tiras, por exemplo, mas não tenho as pranchas. Então, Sérgio, que tal nos brindar com todo o material do Bob Lubbers? É um artista que merece um revival.

Quanto à polêmica conceitual do que seja, hoje, Fanzine, objeto de conceituações acadêmicas por vários artistas ou trabalhos de pós-graduação, vendo-o como uma forma literata de linguagem... isso é muito bom. Quem imaginaria, pelo menos eu em tempos atrás, que uma mídia marginal expressaria esta importância? Esta mídia, que nasceu de uma expressão que significa “do fã”, de seu respeito, admiração, amor, curtição, afinidade, é bem particular, pois nada mais é do que o sentimento retribuído por algum tema afim e o explora e o divide sem medir esforços. Eu fui fanzineiro artesanal na década de 1980, com papel, mimeógrafo, estêncil e tudo, e sentia-me tremendamente grato ao ver partilhadas as mídias que produzia, mesmo com maior esforço, sem nada receber em troca. Hoje existem outras formas de se fazer esta expressão de apego, amor, afinidade por um tema, dado as possibilidades que se tem às mãos, como a web, por exemplo. Mas o que muda? O conceito? A forma? O material utilizado? Vou deixar as especulações para os acadêmicos.

Quanto ao “QI”, hoje com uma tiragem privilegiada de mais de 100 afortunados que o recebem, é a melhor publicação no gênero, com um amplo debate a portas abertas, democrático, sobre o Quadrinho Independente, marginal, e ainda com todos os requisitos clássicos que norteiam uma mídia classificada como Fanzine... Não sei se no futuro o “QI” será considerado um Fanzine, pois se coloca de forma essencial para uma discussão que não se vê no Brasil, sob as mais diversas abordagens que se expõem... Acho que Edgard Guimarães está nos propiciando, provavelmente, um novo formato de se discutir Quadrinhos...

MARCOS FABIANO LOPES

Av. Suaões, 2181 – Itanhaém – SP – 11740-000

Recebi os números 113, 114 e 115. Ficou bem bacana a reformulação do “QI”. Boas matérias sobre o 28º Angelo Agostini e ‘Mistérios do Coleccionismo’. ‘Mantendo Contato’ sobre Jan, o Garoto Invencível, interessante personagem de Carlos Adachi. ‘Memória do Fanzine Brasileiro’ com Denilson (“Tchê”) e José Valcir (PADA), devemos valorizar sempre os criadores independentes e suas fantásticas publicações. Edgard, você aceita colaboração de matérias e ilustrações sobre os heróis nacionais? Tenho grande interesse pelo gênero e poderia colaborar com o “QI” dessa forma. Estou produzindo um série de ilustras dos super-heróis brasileiros, se quiser conferir, veja em <http://mfabianolopes.blogspot.com.br>

Fiquei assustado com as poucas Edições Independentes divulgadas no “QI”, espero que seja apenas uma fase e que futuramente os fanzines voltem a preencher as páginas do “QI”.

DOUGLAS UTESCHER

C.P. 777 – São Paulo – SP – 01031-970

Apenas para avisar que o “2º Anuário de Fanzines, Zines e Publicações Alternativas” está também disponível para download gratuito. <http://ugrapress.wordpress.com/2012/06/20/download-gratuito-2o-anuario-de-fanzines-zines-e-publicacoes-alternativas/>

Para quem, como nós, preferir o bom e velho papel, a versão impressa do Anuário continua disponível pela bagatela de R\$ 15,00 + R\$ 3,00 da postagem. Mais informações sobre como adquiri-la, entre em contato. Em breve teremos novidades quantíssimas para divulgar.

JOSÉ VALCIR

Av. 4 de Outubro, 746 – Olinda – PE – 53370-001

Desculpe-me se transmito pra você o mesmo que transmiti ao pessoal da PADA, mas não quis tirar meu sentimento de surpresa e emoção. Ao ver o envelope eu já sabia que era o “QI”, fiquei feliz em receber aquela maravilhosa edição. Mas, ao abrir e descobrir que estava lá, eu e a PADA, deixou-me verdadeiramente emocionado.

e-mail enviado aos membros do grupo PADA.

Depois de quase dois anos, recebi ontem o “QI” 115. Imaginem o que há no conteúdo na seção Memórias do Editor? Um artigo que escrevi sobre a história da PADA, após retornarmos com as publicações em 2003. Além de bem ilustrado com capas das primeiras edições dos fanzines e das revistas “Prismarte” e “Croquis”, a primeira caricatura feita pelo Miguel de mim. Não nego que fiquei (e estou bastante) emocionado com a homenagem. Ver nossas primeiras edições fez-me reportar à fase de adolescência e sonhos quando trabalhávamos projetando um futuro glorioso com os quadrinhos; mas nunca arredando os pés do chão e nem esquecendo de dobrar as mangas das camisas, porque tínhamos consciência que nada vem sem trabalho e renúncia. Muita coisa lembro daquela época e já falei em entrevistas, matérias e continuo vivenciando com todos vocês, novos amigos e colaboradores. Talvez sem aquele pique de antes, pois a idade e outros compromissos não me dão mais aquela mobilidade, mas ainda buscando e sonhando.

Este depoimento deveria ter saído em um livro que a Opera Graphica pretendia publicar, dentro de uma coleção que deveria ter cerca de 13 volumes, o último dedicado aos fanzines. Não saiu nem o primeiro. Uma pena. E eu fiquei com vários depoimentos, inclusive o seu, sem poder dar uma satisfação aos editores. Agora é que estou conseguindo publicar no “QI” esses depoimentos. Não é a mesma coisa do que fazer um livro com distribuição nacional, mas é o que eu posso fazer.

Estamos envolvidos com muitas coisas e isso está acarretando nosso atraso com nossos títulos. Ano passado somente lançamos duas edições de “Prismarte” e a “Gráfica PADA – Zé Gatão”. Estamos cooptando material para publicar “Prismarte mangá” e “PADA Medo” (ex-“Do Além”). Mas vamos lançar “Campana” e o livro organizado pelo Ivan Carlo, “Casa do Medo” nos Melhores da PADA 2012. Já estamos divulgando em nosso blog www.pada.prismarte.com.br.

O quadro da equipe aumentou de dois anos para cá. Antes era eu, Milson e Arnaldo. Agora temos o Leonardo Santana, Luciano Félix, Téo Pinheiro, Sandro Marcelo, Ary Netto Santa Cruz, Marcos Lopes, Braga. Estamos vivos e nos movimentando: não dá para parar.

CHAGAS LIMA

R. Miriam Coeli, 1737 – Natal – RN – 59054-440

115 edições! Um marco! Que venham mais centenas de edições! Interessante ver poesias no “QI”. É algo inédito ou estou equivocado? E que capa, hein? É uma pena o pessoal não enviar mais resenhas dos zines.

FRANCISCO FILARDI

R. Carlos de Vasconcelos, 21/904 – Rio de Janeiro – RJ – 20521-050

Segue no envelope material sobre a interessante mostra do artista argentino Liniers. O evento é compacto, mas dá boa ideia do trabalho que ele desenvolve. Disponibilizei algumas fotos da mostra na página do “Intervalo” em www.facebook.com/intervalocult.

HENRIQUE MAGALHÃES

Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180

Recebi o “QI” 115, muito bom como sempre. Sua argumentação a partir de meu texto é bem elucidativa. Também acho que houve uma migração de uma parte dos fanzines para a internet, e de outra para as edições independentes e semiprofissionais. Espero que isso gere uma boa discussão na seção ‘Fórum’.

RICELLE SULLIVAN SUAD

2ª Travessa da Rua Nova, 52 – São Luis – MA – 65020-401

Dessa vez o que me chamou a atenção foi a matéria que escrevi sobre ‘O Fim dos Fanzines’. Matéria que eu tomei a liberdade de postar em meu blog para divulgar a outras pessoas o que vem acontecendo ultimamente. De fato, o número de pessoas que publica zines de forma artesanal vem decrescendo, porque sua grande maioria hoje vem aderindo ao meio virtual, que oferece uma visualização e divulgação mais rápida e prática. Mas na minha opinião, também traz muito comodismo. Muitos não querem mais se dar ao trabalho de escrever, se podem alcançar seu público limitados à tela do computador de sua casa. Eu também utilizo a internet para divulgar meus trabalhos, mas não abro mão de poder enviar a edição impressa de minhas revistas. Pra mim, nada substitui o gostinho de poder ter o exemplar do seu fanzine ou HQ impresso em mãos.

Quando puder, visite: <http://homemcamaleao.blogspot.com>.

TERESINKA PEREIRA

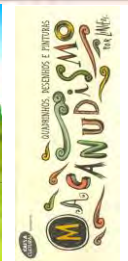
PO Box 352048 – Toledo – OH – 43635-2048 – USA

Meu amigo Adão Wons me enviou um exemplar de “QI”, com boas recomendações. Por isso é que estou fazendo contato com você para enviar-lhe informações sobre a IWA (International Writers & Artists), e um convite para associar-se. Também escrevi um anúncio da sua revista para difundir entre os sócios da IWA no Brasil, Portugal e África. Creio que a IWA possa lhe oferecer um bom intercâmbio.

Quadrinhos Independentes (QI) – Revista de quadrinhos, com ênfase em textos analíticos e desenhos. A seção Fórum apresenta comentários dos leitores além de informações. Aceita colaborações de artistas e artigos sobre as publicações de quadrinhos.

QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Paulo Joubert Alves enviou um anúncio Ourocard/MasterCard feito em forma de quadrinhos; uma reportagem em forma de HQ publicada no jornal “O Tempo” de Belo Horizonte. Gaspar Eli Severino enviou o nº 124 de “Sesinho”, revista infantil produzida pelo SESI. Francisco Filardi enviou catálogo da mostra “Macanudismo”, sobre o trabalho do cartunista argentino Liniers, promovida pela Caixa Cultural Rio de Janeiro.



O FIM DOS FANZINES – O RETORNO

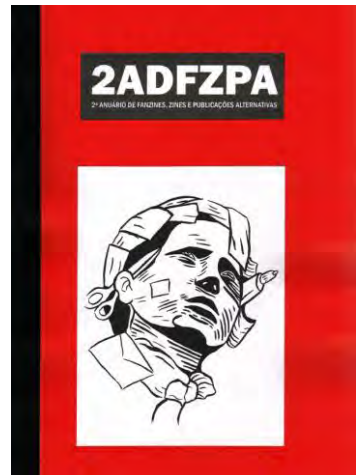
Edgard Guimarães

No número anterior do “QI”, fiz uma análise sobre os Fanzines impressos, a partir de um artigo de Henrique Magalhães. Tomei como base as edições divulgadas no “QI” em 2011 e verifiquei que durante o ano foram divulgadas 283 edições, das quais 180 relacionadas com quadrinhos. Dessas, 167 foram de Revistas Independentes, ou seja, aquelas que trazem HQs propriamente ditas, dos editores e colaboradores. Somente 13 edições foram de Fanzines, na acepção mais restrita da palavra, ou seja, aquelas edições informativas, que trazem textos sobre quadrinhos já existentes. A conclusão é que os Fanzines impressos de quadrinhos estão mesmo no fim. Resistem somente aqueles que fazem um trabalho mais elaborado de análise ou registro mais amplo da matéria, como, por exemplo, o “Top! Top!” que, a cada número, faz um dossiê de um autor.

Logo após ter escrito o texto, recebi o “2º Anuário de Fanzines, Zines e Publicações Alternativas”, da Editora Ugra, produzido por Douglas Utescher, Flávio Grão e Márcio Sno. A questão que imediatamente se impôs: o Anuário comprovaria o prognóstico ou mostraria uma realidade diferente do que posso observar através da janela do “QI”?

O Anuário trouxe resenhas de 165 títulos. Desses, 21 foram de edições estrangeiras, sul-americanas na verdade, e estas eu vou excluir na análise. Sobraram 144 edições brasileiras. Um dos fanzines foi impresso numa camiseta, também estou excluindo este. Sobraram 143. A classificação que farei a partir daqui, eu me baseei nas resenhas, e algumas vezes não deu para ter certeza se na publicação predominavam as HQs ou não. Portanto, pode haver alguma imprecisão nos números a seguir. Prosseguindo, das 143 edições brasileiras, 60 são dedicadas aos quadrinhos e 83 tratam de outros temas, como bandas, poesia, ilustrações, opiniões, experimentações diversas. Essas 83 edições de outros temas parecem, em sua maioria, Fanzines propriamente ditos, tratam dos assuntos enfocados, ou seja, falam sobre bandas, fazem comentários sobre temas como a cena punk, a diversidade sexual, a música evangélica, etc. Alguns, poucos, trazem produções próprias, como contos ou poemas, e neste caso, não seriam Fanzines. Mas a primeira conclusão já está aí. Quando o tema não é Histórias em Quadrinhos, o Fanzine impresso está bem vivo, com uma grande produção com uma temática bem variada, além de grande diversidade na própria maneira de fazer a edição.

Dos 60 títulos relacionados aos quadrinhos, ocorre o contrário, 59 são Revistas Independentes, somente 1 é Fanzine, justamente o “Top! Top!” de Henrique Magalhães. O Anuário confirma a conclusão do texto anterior: os Fanzines de quadrinhos esqueceram de deitar.



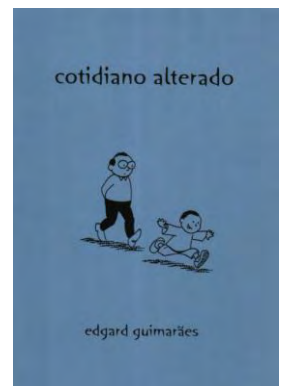
LANÇAMENTO!!!

Edgard Guimarães

Estou lançando uma nova edição de Histórias em Quadrinhos. Trata-se do álbum “Cotidiano Alterado”, uma coletânea das tiras homônimas e algumas coisinhas mais. Comecei a produzir esta série em março de 2012 e várias delas já foram publicadas no sítio www.marcadefantasia.com, graças à gentileza de Henrique Magalhães.

A coletânea que ora lanço não está completa, muito pelo contrário, este é só o começo. Junto com este número do “QI”, o leitor está recebendo a capa-envelope e a primeira folha do álbum. A cada número do “QI”, o leitor receberá mais uma folha e assim vai completando a edição.

Esta é uma forma de apresentar o leitor que tem prestigiado o “QI” com sua regularidade e, portanto, não terá dificuldade de completar a edição com todas as folhas que forem produzidas. Cada folha só será feita na ocasião de ser encartada no “QI” correspondente e, portanto, futuramente, não terei como providenciar folhas que eventualmente falem a leitores ocasionais.



MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

REVISTAS DE PASSATEMPO: A ENTRADA NO MERCADO

Entre os anos 1980 e 2000, a forma mais usual para inserir uma editora no mercado das bancas de jornais era produzir revistas de quadrinhos eróticos e de piadas. Com um pequeno capital inicial e o adiantamento que recebiam das distribuidoras (valor que a Dinap e a Fernando Chinaglia adiantavam para as editoras a partir de estimativas de venda de cada publicação), as jovens casas editoriais conseguiam fazer um capital de giro suficiente para publicar novos títulos e, muitas vezes, revistas mais elaboradas e consistentes. Quando o mercado ficou saturado das HQs eróticas, as alternativas iam desde receitas, bordados e costura em geral, pôster de cantores e atores famosos e revistas de passatempos ou cruzadas.

Dentro desse espectro, vamos apresentar três experiências diferentes, mas com resultados parecidos. Os três editores resolveram iniciar suas atividades da mesma forma: publicando revistas de passatempos.

A mais antiga tentativa foi do desenhista Musi, que, em 1994, lançou, através da MF Editores Associados Ltda., duas revistas, “A Turma do Palhinha – Passatempos” e “A Turma do Palhinha – Cruzadinhas”, com a mesma estrutura: tamanho 13,5x20,5cm, 36 páginas, papel jornal, p&b, capa quatro cores, lombada canoa, R\$ 1,00. A tiragem provável foi de 20 mil exemplares (o mínimo que as distribuidoras aceitavam na época). Os dois primeiros números saíram em setembro e os segundos em dezembro.

A editora tinha como endereço a Rua Major Quedinho, 111, no centro de São Paulo (SP), os fotolitos foram feitos por Fausto Kataoka, a impressão na ABC SABE e a distribuição pela Fernando Chinaglia.



“A Turma do Palhinha – Passatempos” n°s 1 e 2

Musi criou uma turminha comandada pelo espantalho Palhinha e por sua namorada Palhete, tinha como integrantes frutas e legumes animados: batata (Dundum), limão (Galeguinho), cenoura (Cenolauro), laranja (Lanjito), beterraba (Beterrábio), arroz (Agulhinha), feijão (Mulatinho), berinjela (Berinjélio), abóbora (Cambuquinho), rabanete (Ric Rabanete), flores (Guida e Guita), espiga de milho (Espiguinha), morango (Guinho), tomate (Tomatélio), melancia (Melancito), pera (Peri), abacaxi (Caxito) e banana (Nana Banana), além da Zitinha, que não foi possível identificar a que fruta ela correspondia.



“A Turma do Palhinha – Cruzadinhas” nºs 1 e 2

As revistas apresentavam uma produção muito primária, tanto no desenho, argumento e produção. Todos os textos eram escritos em letra cursiva e os joguinhos eram direcionados para crianças. Os personagens apresentavam e participavam de cruzadinhas, vamos colorir, caça-palavras, labirintos, palavras escondidas, quebra-cuca, vamos desenhar, jogos de erros, liga pontos, o que é o que é, e sombras. As revistas tinham também curiosidades e até receitas da Vovó.

Depois de quatro números publicados e de um provável fracasso de vendas, a MF Editores Associados e a Turma do Palhinha não voltaram às bancas, vítimas da própria fragilidade artística e editorial.

A segunda tentativa foi de Sival Moreira de Brito, produtor editorial, que resolveu arriscar criando a revista “Cruzadão”: tamanho 14x21cm, 52 páginas, papel off-set, p&b, capa quatro cores, lombada canoa, R\$ 1,50. Sem editora ou identificação de autores, Sival imprimiu 1.500 exemplares e foi negociar com as distribuidoras a colocação de “Cruzadão” nas bancas. A revista tinha palavras cruzadas de nível médio, além de jogos de diferenças, junções, igualdades, equivalentes, busca-palavras, descubra detalhes e saiba mais, todos ilustrados pelo autor.

O problema é que, em 2000, as empresas não faziam distribuição setORIZADA e muito menos trabalhavam com tiragens inferiores a 20 mil exemplares. Sival ficou frustrado e pensou até em vender toda a tiragem para aparas.

Através de seu amigo, o quadrinhista, cartunista e ilustrador Luigi Rocco, entrou em contato comigo (que mantenho até hoje uma pequena distribuidora informal na cidade de São Paulo), e me prontifiquei a colocar toda a tiragem nos pontos de venda. Cerca de um ano e meio depois, todos os 1.200 exemplares (que peguei para distribuir) foram vendidos, provando a boa qualidade da revista. Sival não pensou em editar o segundo número e a experiência se encerrou com toda a tiragem vendida. O curioso é que um resultado de vendas assim não é conseguido nem pelas revistas mais famosas da editora Abril. Uma grande surpresa!



“Cruzadão” nº 1 e “Galante” nº 1

A terceira tentativa foi do desenhista e produtor Josué Godói. Em outubro de 2000, ele lançou a revista de passatempos “Galante”: tamanho 15x21cm, 24 páginas, papel off-set, p&b, capa quatro cores, lombada canoa, R\$ 2,00. A turma do galo Galante apresenta dezenas de joguinhos (dois por página) como labirinto, caça-palavras, olho-vivo, ligue os pontos, enigma, quebra-cuca, golpe de vista, trilha, jogos dos erros, diagrama e cruzadinha. Com tiragem de 1.000 exemplares, Josué antecipou a tendência das revistas independentes, que se tornou uma realidade na primeira década do século XXI. Apesar da ótima qualidade artística e editorial, “Galante” não teve um bom resultado de vendas, enfrentou a dura realidade da distribuição e ficou só no 1º número. Pelo menos, serviu como um ótimo portfólio para o competente Josué Godói.

Memória do Fanzine Brasileiro

Depoimento sobre o Editor

EDSON RONTANI

Depoimento dado por Edson Rontani Júnior, filho do editor.

Edson Rontani nasceu em 23 de março de 1933, em Piracicaba, SP, e faleceu em 24 de fevereiro de 1997 na mesma cidade. Foi Desenhista Técnico da Secretaria Estadual de Agricultura de São Paulo e se formou em Direito em 1977 pela Universidade Metodista de Piracicaba.

Edson Rontani teve inclinação para o desenho ainda quando criança. Já desenhava aos 8 anos de idade. Na época, o desenho e a leitura de histórias em quadrinhos eram reprimidos pela sociedade e pela religião (em especial pela católica). Aos poucos a paixão vinda do cinema e das revistas em quadrinhos o levou a criar uma paixão incomensurável pelo desenho artístico. Sua veia artística o direcionou para as artes plásticas, tendo estudado com o Frei Paulo de Sorocaba, importante religioso que difundiu as artes pelo interior de São Paulo e Rio de Janeiro.



No início dos anos 1950, Rontani cria o Estúdio Orbis de Desenho, através do qual passa a divulgar sua arte. Nessa época, passa a desenhar cartuns e charges nos jornais de Piracicaba. Ao final dos anos 1950, começa a colecionar revistas em quadrinhos chegando a ter até o final de sua vida, morreu em fevereiro de 1997, cerca de 120 mil revistas, consideradas um “xodó” no qual nem sua família tinha acesso. Edson Rontani foi o criador do fanzine brasileiro, imprimindo em mimeógrafo a tinta, em outubro de 1965, a primeira edição de “Ficção”, publicação pioneira na área dos fanzines.

O “Ficção” saiu em duas etapas: 1965 (12 números) e 1974 (cerca de 10 números). Não há certeza sobre a data exata de início e fim de cada uma das fases. Em 1984, criou o “Rontani Fanzine”, que teve a duração de apenas duas edições.

O “Ficção” saiu primeiramente impresso em mimeógrafo a tinta, e depois em mimeógrafo a álcool. O “Rontani Fanzine” saiu impresso em xerox. O número de páginas dependia da “vontade” e do “caixa”. Normalmente o formato mais usual era o de uma folha de sulfite, utilizado tanto no mimeógrafo quanto na xerocópia.

Muito tempo depois de iniciar o “Ficção”, Rontani soube que os fanzines eram muito difundidos na França e nos Estados Unidos. Na verdade, o “Ficção” não pode ser considerado uma versão brasileira do que era feito no primeiro mundo. Edson Rontani procurava um meio novo de difundir a cultura das histórias em quadrinhos. Sua família tem guardados a sete chaves fanzines, se é que eles podem ser assim chamados, que Rontani fez em 1946 – aos 13 anos de idade – em cadernos brochura e com lápis de cor, que seguiam uma ordem numérica na capa e uma ordem de mês de lançamentos. A produção em escala – “Ficção” tinha 600 exemplares enquanto que no princípio era uma única cópia emprestada para os amigos de escola de infância – veio cerca de 20 anos depois. Rontani sempre teve essa necessidade de divulgar sua arte, seja através de jornais ou outros meios. Na época não existiam máquinas de xerocopiagem ou computadores, o que inviabilizava sua criação. Por volta de 1947 e 1948, Rontani seguia os princípios dos jornais criados antes de Gutenberg: ele fazia cartuns em cartolinas e colava-os em murais (todos emoldurados, sendo uma caixa de madeira com vidro na frente e com um cadeado), os quais eram espalhados pelas áreas movimentadas em Piracicaba. Depois ele teve o seu ‘Mural’ na extinta Livraria Central, situada na primeira galeria comercial de Piracicaba, trocando semanalmente as piadas. Era um serviço artesanal que foi o primórdio da criação do fanzine.

A distribuição do “Ficção” era feita pelo correio. Mantinha contato por telefone ou por indicação de colegas (em especial Adolfo Aizen da Ebal) e outros para chegar aos colecionadores. Na verdade, quando criou em 1965 o Intercâmbio Ciência-Ficção “Alex Raymond”, ele obteve total apoio de Aizen (que o convidou para trabalhar na Ebal naquele ano) divulgando seu Intercâmbio nas revistas da editora. Os leitores que gostavam daquele tipo de publicação acabavam entrando em contato por telefone ou carta e assim a coisa se expandiu.

O material conseguido para ser a matéria-prima do fanzine foi o de muita pesquisa e pouca cópiagem de matérias escritas por outros. Rontani anotava em cadernos de escola o que tinha na capa, quais números e a data de lançamento de cada revista que ele sabia que tinha no mercado. Visitava as bancas de revistas de uma a três vezes por semana para fazer as anotações, mesmo sem comprar a maioria delas.

O principal propósito do “Ficção” era divulgar o que poucos conheciam. No ano de 1965, existiam poucas publicações sobre as histórias em quadrinhos no Brasil. Tudo isso, Rontani tinha na memória e queria divulgar através da escrita. O conteúdo era histórico e para venda. Nada opinativo.

Os fanzines sempre foram um hobby, um passatempo. Aliada ao custo, a falta de tempo foi o principal motivador para que Rontani parasse a publicação de fanzine.

A iniciativa de Edson Rontani foi muito influenciadora na época. Chegou inclusive a ser mencionado em publicações internacionais como a da Academia de Letras da Suécia.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Relação de publicações de Edson Rontani.

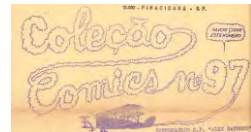
– “Ficção” (of., 5 a 12 pág.): 1 (out/1965) a 12 (1970) – os 5 primeiros números impressos em mimeógrafo a tinta, e o restante em mimeógrafo a álcool.

FIÇÃO



- “Fanzine” (of., 32 pág.): 1 (mar/1974) a ~10 – impresso em mimeógrafo a álcool, com textos mais desenvolvidos sobre as revistas “Gibi”, “O Lobinho”, os carros do Batman, etc.
- “Rontani Fanzine” (of.): 1 (1985), 2 – impresso em xerox.
- “Colecção de Ficção” (of., 36 pág.): s/nº (1987) – impresso em xerox, com reprodução dos 5 primeiros números de “Ficção”, publicados entre outubro de 1965 e abril de 1966.

Com a morte de Edson Rontani, em fevereiro de 1997, seu filho Edson Rontani Júnior deu prosseguimento à publicação de listas de venda de revistas até pelo menos o ano de 2001. Também publicou alguns números de “Fanzine Rontani” em 1997 e 1998, compilando textos sobre quadrinhos e oferta de revistas de quadrinhos. Abaixo, alguns logotipos do fanzine “Colecção Comics” em que Edson Rontani acrescentou algumas ilustrações, feitas diretamente no estêncil para mimeógrafo a álcool.



Segundo depoimento de Edson Rontani, ainda em 1967, paralelamente à publicação de “Ficção”, começou a publicar catálogos de compra e venda de revistas de quadrinhos. Não há registro se este catálogo tinha nome, numeração ou até quando foi publicado.

Por volta de final da década de 1970, começou a publicar novo catálogo de venda de revistas, agora com o nome de “Colecção Comics”, impresso em mimeógrafo a álcool, formato ofício, em papel jornal ou manteiga, somente na frente, com no máximo 10 folhas e periodicidade semanal ou quinzenal. Foi publicado pelo menos até o número 169 de agosto de 1986. Eventualmente este catálogo trazia algum artigo sobre quadrinhos.

Em outubro de 1987, Rontani publicou novo catálogo, agora apenas com o nome “Intercâmbio Ciência-Ficção “Alex Raymond””, no formato A5, com 4 páginas, impresso em xerox e em mimeógrafo a álcool, indo pelo menos até o nº 7 em fevereiro de 1988.

Edições em homenagem a Edson Rontani. Pelo menos três publicações foram feitas em homenagem a Edson Rontani.

- “30 Anos do Ficção” (A4, 24 pág.) – revista publicada em 1985 pelo Comix Clube, com entrevista de Edson Rontani, reprodução do 1º número de “Ficção” e outros textos.
- “Fanzine Ficção” (A4, 24 pág.): 0 (jun/2006) – edição feita por Valdir Ramos com patrocínio do Sesc de Piracicaba
- “Você Sabia?” (14x20cm, 76 pág.) – livro lançado em 2007 pela editora Marca de Fantasia com seleção dos trabalhos de Rontani na série ‘Você Sabia?’, publicada em jornais de Piracicaba.



EDIÇÕES INDEPENDENTES



EDGAR FRANCO E SUAS CRIATURAS NO BANQUETE DE PLATÃO

Nadja Carvalho
68p. 14X20cm. R\$12,00.

www.marcadefantasia.com



OS QUADRINHOS POÉTICO-FILOSÓFICOS DE EDGAR FRANCO

Elydio dos Santos Neto
116p. 14X20cm. R\$17,00.

www.marcadefantasia.com

**Floydzine 01 &
Essência Poética 05**
Pedidos para:
tchedenilson@gmail.com

ÁGUA CÔMICA

Coletânea de quadrinhos inéditos de Roberto Hollanda, Charges de Lepia, e Ilustrações de Célia Moraes e Adriana Sehnert. Capa e contra capa colorida, tiragem de 5000 exemplares.

Nº 1 - fev/2012 - 28 pág. - 10 x 15 cm.
- capa colorida - R\$5,00 - Roberto Hollanda - Rua Sousa Aguiar 322 casa 5 - Rio de Janeiro - RJ - 20720 - 035 - ariqueimio@yahoocom.br
www.livrosladacomics.blogspotcom

HISTÓRIA EM QUADRINHOS EM ANÁLISE

IMAGINÁRIO! n. 2
Editor: Henrique Magalhães
119p. Ebook. Grátis.

www.marcadefantasia.com

QUADRINHOS

ACHADOS E PERDIDOS * acompanha CD com trilha sonora * 2012 * 208 pág. * 175x220mm * color. * R\$ 42,00 * Daniel Lima - <http://pandemoniocomix.com>.

ÁGUA CÔMICA * nº 1 * fev/2012 * 28 pág. * A6 * capa color. * R\$ 5,00 * Roberto Hollanda - R. Sousa Aguiar, 322, casa 5 - Rio de Janeiro - RJ - 20720-035.

ÁLBUM TARZAN * nº 1 * 2012 * 104 pág. * 180x270mm * capa color. * R\$ 70,00 * Sérgio Luiz Franque - R. César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

ÁLBUM TARZAN * nº 2 * 2012 * 108 pág. * 180x270mm * capa color. * R\$ 70,00 * Sérgio Luiz Franque - R. César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

AMIGOS AMANTES AMORES * 2011 * 36 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 + porte * a/c Milena Azevedo - ghermetica@gmail.com.

2º Anuário de Fanzines, Zines e Publicações Alternativas * nº 2 * abr/2012 * 66 pág. * A4 * capa color. * R\$ 18,00 * Douglas Utescher - C.P. 777 - São Paulo - SP - 01031-970.

ÁTOMO * nº 5 * ago/2012 * 12 pág. * A5 * Ricelle Sullivan Suad - 2ª Travessa da Rua Nova, 52 - Camboa - São Luís - MA - 65200-401.

ICFIRE - 91

NESTA EDIÇÃO, ESTREIA DE BOLITUS JUNTO COM ICFIRE. É ESPECIAL. E AINDA ICFIRE SUPER. POR CHAGAS LIMA. IMPERDÍVEL. CARTAS E E-MAILS. 24 PÁG. A5. CAPA COR. R\$ 4, OU SELOS, OU TROCA. JUL/2012. CHAGAS LIMA. R. MIRIAN COELI, 1737, LAGOA NOVA. 59054-440. NATAL/RN.

KATITA

Maré-cheia de sereia

Anita Costa Prado & Ronaldo Mendes
28p. 12X18cm. R\$6,00.

Tiras humorísticas e espirituosas

www.marcadefantasia.com

AVENTURAS NO CANGAÇO * n° 1 * jun/2012 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

BENJAMIN PEPPE * n° 3 * jul/2012 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

BILLY THE KID * n° 16 * jun/2012 * 36 pág. * A5 * capa color. * R\$ 7,00 * **Arthur Filho** - R. Espírito Santo, 232/02 - Porto Alegre - RS - 90010-370.

BIOGRAFICINE * n° 2 * jul/2012 * 26 pág. * A4 * **Elydio dos Santos Neto** – R. Ribeiro Pires, 293 – B. Mauá – São Caetano do Sul – SP – 09580-690.

BLÉNO * n° 5 * jun/2012 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

BRADO RETUMBANTE * n° 6 * out/2010 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 + porte * a/c **Milena Azevedo** – ghermetica@gmail.com.

CAFÉ ESPACIAL * n° 10 * dez/2011 * 100 pág. * A5 * R\$ 17,00 * a/c **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

CARCARÁ, CABRA PIÓ NUM HÁ * 2011 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 + porte * a/c **Milena Azevedo** – ghermetica@gmail.com.

CARTUM * n° 71 * jun/2012 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 50,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CARTUM * n° 2 (2ª ed.) * jun/2012 * 28 pág. * A5 * color. * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CHICO SPENCER * n° 3 * mai/2012 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

DEPOIS DE TUDO... * mar/2011 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 + porte * **Milena Azevedo** – ghermetica@gmail.com.

EDGAR FRANCO e suas criaturas... * 2012 * 68 pág. * 140x200mm * R\$ 12,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

O EVANGELHO SEGUNDO O SANGUE * 2011 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 + porte * a/c **Milena Azevedo** – ghermetica@gmail.com.

FÁBULA MODERNA * n° 1 * dez/2010 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 3,50 + porte * a/c **Milena Azevedo** – ghermetica@gmail.com.

GIBI, SIM SENHOR * n° 1 * 2012 * 12 pág. * 130x135mm * color. * **Alexandre Sousa Lourenço** – roboesmaga@gmail.com.

HISTÓRIAS SAGRADAS * n° 5 * jul/2012 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

HOMEM-CAMALEÃO * n° 12 * ago/2012 * 16 pág. * A5 * capa color. * R\$ 2,00 * **Ricelle Sullivan Suad** – 2ª Travessa da Rua Nova, 52 – Cambaia – São Luís – MA – 65020-401.

ICFIRE * n° 91 * jul/2012 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 * **Chagas Lima** – R. Miriam Coeli, 1737 – Lagoa Nova – Natal – RN – 59054-440.

INFORMATIVO TCHÊ * jun/2012 * 4 pág. * A5 * **Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

JORNAL GRAPHIQ * n° 64 * mai/2012 * 16 pág. * 280x320mm * R\$ 4,00 * **Mário Latino** – C.P. 213 – Suzano – SP – 08675-970.

JORNAL GRAPHIQ * n° 65 * jun/2012 * 16 pág. * 280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * **Mário Latino** – C.P. 213 – Suzano – SP – 08675-970.

KATITA – Maré-cheia... de sereia * jul/2012 * 28 pág. * 125x180mm * capa color. * R\$ 6,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

LABAREDA – Um Cangaceiro de Lampião * 2011 * 48 pág. * A5 * capa color. * R\$ 10,00 + porte * a/c **Milena Azevedo** – ghermetica@gmail.com.

LIZ * 2012 * 24 pág. * A5 * R\$ 7,00 * a/c **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

LUZ NAS TREVAS: AUTOR EM CRISE * 2011 * 32 pág. * A4 * capa color. * R\$ 4,00 + porte * a/c **Milena Azevedo** – ghermetica@gmail.com.

MAPINGUARI * 2011 * 24 pág. * A5 * capa color. * R\$ 3,00 + porte * a/c **Milena Azevedo** – ghermetica@gmail.com.

MOCINHOS & BANDIDOS * n° 103 * set/2012 * 44 pág. * A4 * capa color. * R\$ 45,00 (ass. 4 n°s) * **Diamantino da Silva** - R. Prof. José Horacio M. Teixeira, 538, B.4, ap.54 - São Paulo - SP - 05640-903.

MOSAICO * jan/2011 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 + porte * **Milena Azevedo** – ghermetica@gmail.com.

NATAL – TERRA DE NINGUÉM * 2011 * 32 pág. * 160x225mm * capa color. * R\$ 4,00 + porte * a/c **Milena Azevedo** – ghermetica@gmail.com.

OS NOTÁVEIS * n° 1 * 2011 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 + porte * a/c **Milena Azevedo** – ghermetica@gmail.com.

NÚCLEO BASE QUADRINHOS * abr/2011 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 3,00 + porte * **Milena Azevedo** – ghermetica@gmail.com.

OVELHA NEGRA * 2011 * 132 pág. * 175x250mm * capa color. * R\$ 25,00 * **Daniel Lima** – <http://pandemoniocomix.com>.

PERCY O Mercenário * n° 1 * jun/2012 * 32 pág. * A5 * R\$ 5,00 * capa color. * **Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

PÔNEIS * abr/2012 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 10,00 * **Rodrigo Okuyama** – Av. João Batista Possi Jr., 226 – Registro – SP – 11900-000.

POUCAS PALAVRAS * n° 1 * 2012 * 24 pág. * A5 * capa color. * R\$ 7,00 * **Rodrigo Okuyama** – Av. João Batista Possi Jr., 226 – Registro – SP – 11900-000.

QUADRANTE X * n° 12 * mai/2012 * 72 pág. * 170x260mm * capa color. * a/c **Antonio Pereira Mello** – R. Oscar Henrique Zappe, 212 – B. Itararé – Santa Maria – RS – 97045-350.

QUADRINHOS A2 * 2011 * 144 pág. * 135x190mm * capa color. * R\$ 15,00 + porte * **Daniel Lima** – <http://pandemoniocomix.com>.

SUBTERRÂNEO * n° 48 * jul/2012 * A6 – folha A4 dobrada * **Marcos Venceslau** – Av. Assaré, 20 – V. Sabará – São Paulo – SP – 04446-060 – subterraneo.zine@gmail.com.

TARZAN – Selvagem Pelucidar * *graphic novel de Russ Manning* * 2012 * 52 pág. * 215x295mm * color. * R\$ 70,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

TARZAN e o Senhor das Feras * *graphic novel de Russ Manning* * 2012 * 52 pág. * 215x295mm * color. * R\$ 70,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

THE NEGÃO * 2011 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 + porte * a/c **Milena Azevedo** – ghermetica@gmail.com.

TITANOCRACIA * nov/2010 * 32 pág. * A5 * capa color.
* R\$ 4,00 + porte * a/c Milena Azevedo – ghermetica@gmail.com.

XIRU LAUTÉRIO contra a Morte * 2012 * 28 pág. * A4 * capa color. * a/c Antonio Pereira Mello – R. Oscar Henrique Zappe, 212 – B. Itararé – Santa Maria – RS – 97045-350.

OUTROS ASSUNTOS

O CAPITAL * nº 215 * mai/2012 * 16 pág. * A4 * Ilma Fontes – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

O CAPITAL * nº 216 * jun/2012 * 16 pág. * A4 * Ilma Fontes – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

ESPANTOMANIA 3 * ago/2012 * 4 pág. * arquivo pdf via e-mail * Renato Rosatti – renatorosatti@yahoo.com.br.

JUVENATRIX * nº 136 * jun/2012 * 20 pág. * arquivo pdf via e-mail * Renato Rosatti – renatorosatti@yahoo.com.br.

JUVENATRIX * nº 137 * jul/2012 * 21 pág. * arquivo pdf via e-mail * Renato Rosatti – renatorosatti@yahoo.com.br.

SONORIDADES MÚLTIPLAS * nº 2 * dez/2011 * 20 pág. * A5 * R\$ 3,00 + 2 selos 1º p. * Denilson Reis – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

O BOÊMIO * nº 273 * Eduardo Waack – R. Francisco José Ribeiro, 195 – Matão – SP – 15990-776.

BOLETIM DA ANFB * nº 23/2012 – C.P. 500 – Ag. W3 – 508 Sul – Brasília – DF – 70359-970.

CORREIO DA PAZ * nº 9 * Rosângela Carvalho – C.P. 5366 – Ac. Taguatinga – Brasília – DF – 72010-971.

COTIPORÁ CULTURAL * nº 41 * Adão Wons – R. Marcílio Dias, 253 – Térreo – Cotiporá – RS – 95335-000.

L'ATMOSFERE * nº 5 * Denilson Reis – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

VIDA E PAZ * nº 154 * Mauro Sousa – C.P. 2030 – Santos – SP – 11060-970.

RECADOS

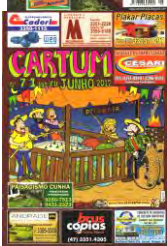
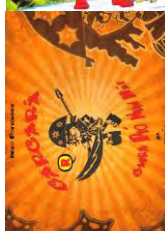
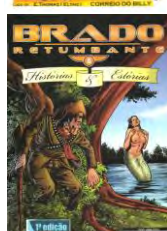
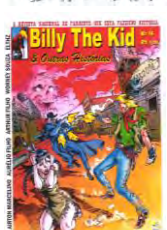
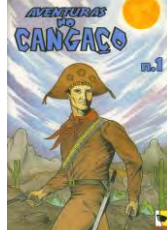
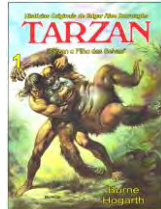
Abelardo Souza enviou lista de oferta de gibis com destaque para Disney. – R. Osvaldo Prado, 102 – Mesquita – RJ – 26580-370.

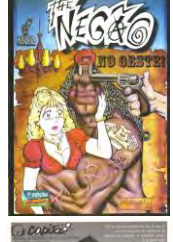
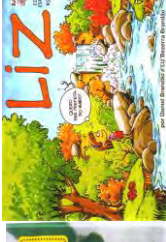
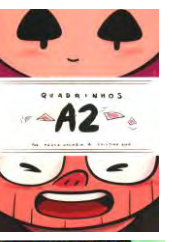
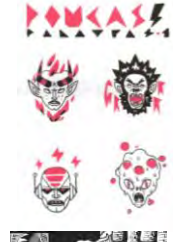
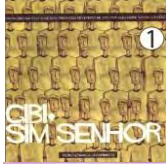
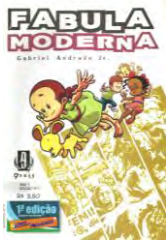
O 8º Belô Poético – Encontro Nacional de Poesia de Belo Horizonte aconteceu entre 26 e 28 de julho. Informações: C.P. 836 – Belo Horizonte – MG – 30161-970.

O 25º Salão de Humor de Volta Redonda aconteceu entre 29 de junho e 5 de agosto. – Secretaria Municipal de Cultura – Av. Sávio de Almeida Gama, 642 – B. Niterói – Volta Redonda – RJ – 27283-527.

A **Câmara Municipal de Moura** realizou, entre 22 de junho e 8 de julho, a exposição 'Franco Caprioli: no Centenário do desenhador-poeta do mar', com lançamento de fanzine de Jorge Magalhães dedicado ao artista italiano. – Moura – 7860-207 – Portugal.

GALERIA DE CAPAS





MISTÉRIOS DO COLECIONISMO (II)

Worney Almeida de Souza

BEN 10 E A EDIÇÃO INEXISTENTE

Ben 10 é um personagem que faz muito sucesso nas TVs. Ben é um adolescente típico que viaja pelos Estados Unidos, num trailer, em companhia de seu avô, Max, e de sua prima Gwen, um pouco mais velha, mas também adolescente. Num belo dia ele acha uma espécie de relógio alienígena, o Omnitrix, que permite que Ben se transforme em vários seres com poderes diferentes. Assim, as aventuras acontecem em várias partes do território americano, literalmente “on the road”, com Ben enfrentando monstros e seres espaciais que querem se apoderar de seu instrumento de transformação. Sucesso na TV pela Cartoon Network, logo Ben 10 virou dezenas de produtos de consumo, como lancheiras, mochilas, camisetas, brinquedos e muitos outros. É claro que o lançamento de revistas estava nos planos, e assim temos passatempos, pôsteres, histórias ilustradas, adesivos e histórias em quadrinhos. Apesar de que não são exatamente HQs, mas imagens congeladas dos fotogramas dos desenhos animados, acrescidos de balões e onomatopeias, que causam um efeito muito estranho; como não existe movimento, a sequência fica prejudicada e o andamento da leitura truncado. Muitas vezes os fotogramas são escuros e percebe-se que faltam períodos inteiros do desenho que não foram acrescidos à revista. Uma situação contraditória, afinal, os desenhos animados são movimento e são apresentados estáticos e não têm o andamento quadrinho para quadrinho que dá a sensação de movimento da arte desenhada. O resultado é um modo cansativo de ler ou entender a história. Esse recurso é usado com frequência pela editora On Line, em revistas como “Moranguinhos”, “Padrinhos Mágicos”, “Princesas do Mar”, “The Powerpuff Girls”, “Sonic X”, “Pokemon”, “Phineas e Ferb”, e mais recentemente “Generator Rex”. A editora Deomar usa o mesmo método para as revistas “Picapau”, “Max Steel”, “Monster High”, “Teleco e Tecó”, “Turma do Cocoricó” e “Polly Pocket”.

A On Line publica a revista “Ben 10 História em Quadrinhos” (13,5x20,5cm, 36 páginas, papel jornal, colorida, lombada canoa, R\$ 2,99) com a observação na capa: “baseada no desenho original”, que apresenta um episódio da série original por volume. Com três anos de publicação, a revista está atualmente no número 19, de julho de 2012, com a história ‘Fim do Jogo’. Publicada com uma periodicidade mais ou menos bimestral, a edição deve ter uma vendagem satisfatória. Mas uma situação inusitada aconteceu no meio da coleção: o nº 14, com a história ‘Verdade’, saiu em outubro de 2011 e o nº 16, com a história ‘Mudando de Rosto’, saiu em fevereiro de 2012! Mas onde está o nº 15? Procurando nas bancas, esse exemplar não foi achado, recorrendo à página eletrônica da editora, esse número não está à disposição, ligando para o serviço de atendimento ao leitor, a informação é de que esse exemplar não se encontra em estoque. Assim, o último recurso foi ligar para a redação de licenciados, que produz essa coleção, e perguntar para um dos editores, Bruno Neves, em 15 de junho, qual o destino desse exemplar e, para surpresa geral, ele disse que houve uma confusão da continuidade e que o número 15 não foi publicado e que eles erraram a numeração! Um erro crasso para uma grande editora, que deve estar causando arrepios nos colecionadores e, certamente, daqui a alguns anos vai fazer a alegria aos contadores de anedotas no meio editorial.

Assim, para todos os efeitos de história e de coleção, o número 15 da revista “Ben 10 História em Quadrinhos” nunca existiu.



Tarzan



QUANDO RONALDO DECIDIU COLOCAR HUGO DENTRO DE UM TRAJE ISOLANTE, PARA EVITAR CONTAMINAÇÃO, SOBROU APENAS MAIS UM TRAJE ISOLANTE.



ELE NÃO TEVE DÚVIDA ALGUMA EM MANDAR QUE EU VESTISSE O TRAJE RESTANTE, PONDO EM RISCO A PRÓPRIA VIDA...



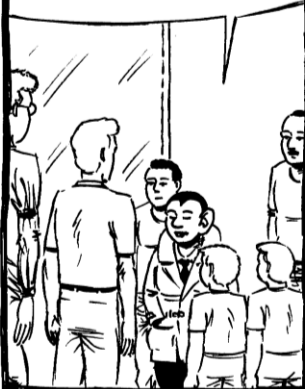
NÃO HÁ RISCO QUE EU NÃO CORRA POR ELE.



VAMOS DEIXAR DE CONVERSA E DECIDIR O QUE FAZER AGORA.



PRECISAMOS PLANEJAR NOSSAS PRÓXIMAS...



EU ASSUMO DAQUI.



POR GENTILEZA, LIGUE-ME COM O CHEFE DE SEGURANÇA.



LEMBRA DO SEGURANÇA QUE VIROU VEG... QUE ENTROU EM COMA AO SALVAR A VIDA DO TIO RICO?



COMO VAI, RONALDO! QUAIS AS NOVIDADES?



QUANDO O SEGURANÇA LEVOU O TIRO QUE SERIA PARA O TIO RICO, ELE AINDA ESTAVA EM PERÍODO DE EXPERIÊNCIA...



LIGUEI APENAS PARA SABER COMO VAI O NOSSO AMIGO...



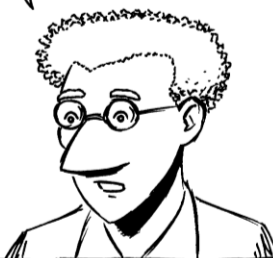
NÃO TINHA SIDO EFETIVADO E NÃO TINHA NENHUM DIREITO A ASSISTÊNCIA MÉDICA... E O TIO RICO SIMPLEMENTE FEZ CUMPRIR A LEI...



INFELIZMENTE CONTINUA NA MESMA, NÃO TEVE NENHUMA MELHORA...



RONALDO MOBILIZOU OS DEMAIS SEGURANÇAS E ELES CUSTEIAM TODAS AS DESPESAS COM TRATAMENTO MÉDICO E SUSTENTO DA FAMÍLIA DELE...



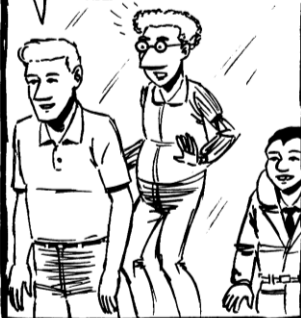
DA' PENA VER A ESPOSA E OS FILHOS AO LADO DA CAMA DELE ESPERANDO ALGUMA MUDANÇA...



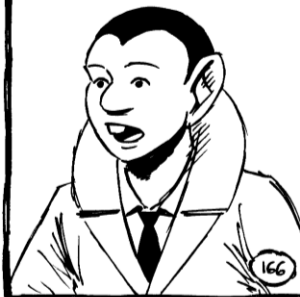
RONALDO SE MANTÉM SEMPRE EM CONTATO E NUNCA DEIXA DE MOSTRAR TOTAL CONFIANÇA EM SUA RECUPERAÇÃO.



ACHO QUE JÁ É HORA DE ACEITARMOS A REALIDADE. ELE NÃO TEM MAIS RECUPERAÇÃO.



É UMA SENHA!...



O TIO RICO AGORA É
PROBLEMA DO PASSADO.



EU GOSTARIA DE CONTAR
COM SUA AJUDA PARA
RESOLVER ALGUNS
ASSUNTOS PENDENTES.



QUERO SOLUÇÕES
DEFINITIVAS PARA TODOS
QUE ATENTARAM CONTRA
MINHA FAMÍLIA.



E GOSTARIA QUE FOSSE
FEITO ANTES DE EU
TOMAR POSSE NA
DIREÇÃO DA EMPRESA.



ENTÃO, FINALMENTE
VOCÊ VAI ASSUMIR A
EMPRESA. PARABÉNS!



NÃO ESTOU CONSEGUINDO
ACOMPANHAR...



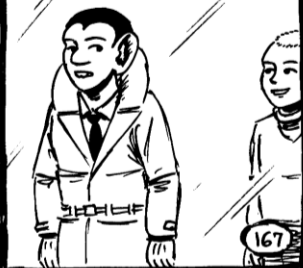
ESSE TEMPO TODO QUE
VOCÊ TEM TENTADO
CONVENCER O TIO DA
CULPA DO TIO RICO...



ELE TEM LEVADO TUDO
EM CONSIDERAÇÃO E
PREPARADO PLANOS DE
CONTINGÊNCIA...

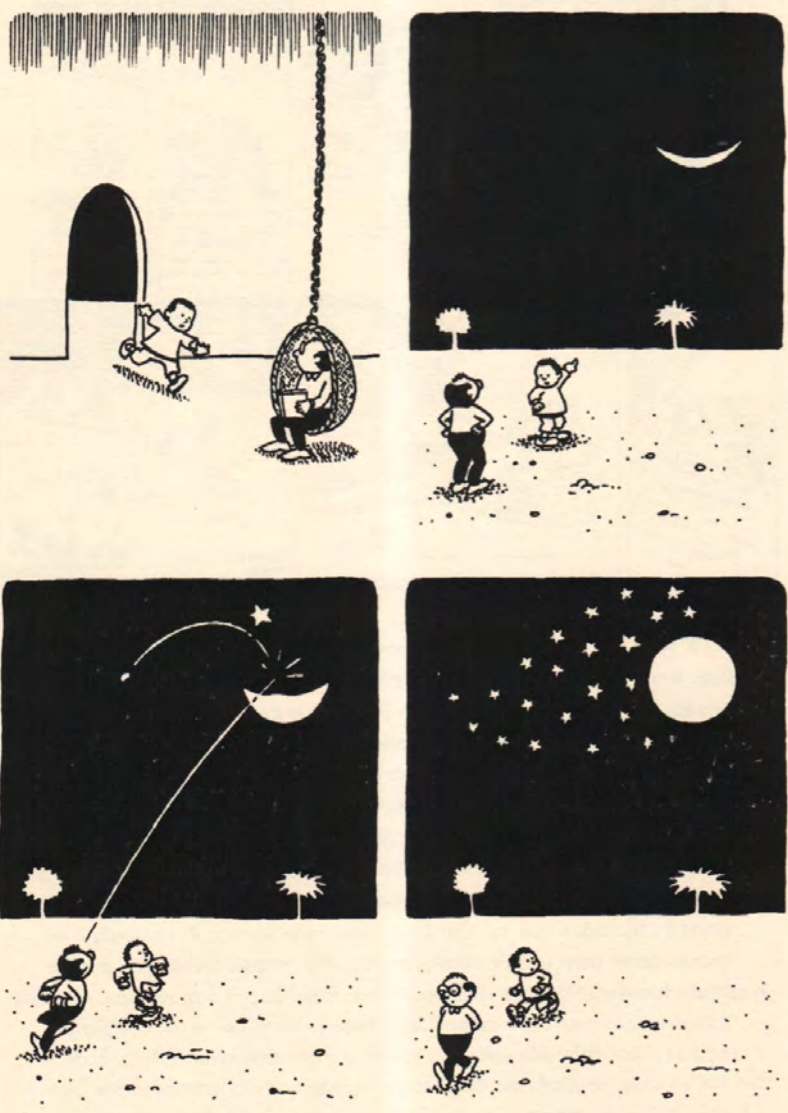


SÓ NÃO TOMOU NENHUMA
ATITUDE ANTES, POIS NÃO
TINHA CERTEZA DA CULPA
DO TIO RICO.





cotidiano alterado



edgard guimarães – março de 2012

outros cotidianos alterados



KRAZY KAT – George Herriman começou a colocar uns gatos pretos em suas tiras a partir de 1903. Aqui e ali, iam aparecendo sem nenhuma pretensão. Em 1909, na série 'Baron Mooch', o gato da vez é chamado Kat. Em 1910, na série 'The Dingbat Family', o gato, agora com o nome Krazy, logo passa a ocupar a parte de baixo dos quadrinhos, que, em seguida, é separada da tira principal. A estreia de Krazy Kat em tira própria ocorre em 1913 e depois, em 1916, começa a página dominical. George Herriman produziu a série até sua morte, em 1944. Krazy Kat, na verdade uma gata preta, tem duas taras singulares. A primeira é considerar como provas de amor as tijoladas que recebe do pérfido rato Ignatz. A segunda é se compadecer com todo e qualquer pequeno drama vivido por todo e qualquer habitante de sua vila, Coconino. E se dispor a ajudá-los, na mais sincera demonstração de solidariedade já vista em qualquer plaga. Krazy Kat é considerada uma das obras primas dos quadrinhos mundiais, não tendo sido poupada de elogios por gente como Cummings ou Picasso. E com razão. A imaginação, a criatividade, o lirismo de Herriman, e em especial seu texto bem escrito, têm poucos rivais.

cotidiano alterado



edgard guimarães